CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

JUVENTUDE NEGRA LGBTQIA+ E SUAS ESTRATÉGIAS POLÍTICO-IDENTITÁRIAS
BATEKOO CELEBRANDO AS DIVERSIDADES

Octávio de Souza Lima da Silva

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique dos S. Martins

Rio de Janeiro
Novembro 2021

JUVENTUDE NEGRA LGBTQIA+ E SUAS ESTRATÉGIAS POLÍTICO-IDENTITÁRIAS

BATEKOO CELEBRANDO AS DIVERSIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER), do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

Octávio de Souza Lima da Silva

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique dos S. Martins

_____

Prof.ª Dra. Glenda Melo (UNIRIO)

_____

Prof.ª Dra. Fátima Lima (UFRJ)

_____

Rio de Janeiro
Novembro 2021

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

S586 Silva, Octávio de Souza Lima da
Juventude negra LGBTQIA+ e suas estratégias político- identitárias batekoo celebrando as diversidades / Octávio de Souza Lima da Silva. — 2021.
95f.: il. color.), enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2021.
Bibliografia: f. 89-95
Orientador: Carlos Henrique dos S. Martins

1. Jovens negros. 2. Negros – Identidade racial. 3. Discriminação. 4. Movimentos sociais. 5. Homossexuais. 6. Identidade de gêneros. I. Martins, Carlos Henrique dos S. (Orient.). II. Título.

CDD 305.898

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas a todos os jovens negros que possuem alguma dissidência sexual e de gênero, assim como eu, e já se sentiram num não lugar de afetividade e representatividade. Com este trabalho, procuro buscar de alguma forma novas perspectivas positivas sobre a juventude negra contemporânea e todas as suas questões identitárias.

Em memória de Renato Costa Cianella,

fundamental no processo do mestrado

e realização deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Capes pela bolsa concedida, sem a mesma a pesquisa seria bem mais complicada. Agradeço a receptividade e o carinho do PPRER que, além de ter somado muito ao meu crescimento pessoal e acadêmico, me proporcionou um ambiente de muito afeto, a partir de um grupo super generoso de docentes, discentes e funcionários do Cefet-RJ.

À minha mãe, Elizabete de Souza, mulher negra, responsável por tudo o que sou, sempre me permitiu estudar apesar das dificuldades, sendo fundamental para eu compreender todas as minhas potencialidades, apesar das feridas do racismo. Nada disso seria possível sem seu amor, apoio e investimento. À minha família, agradeço por todo amor e carinho. Ainda que não entendam exatamente o que faço, sei que se orgulham de onde chegamos. Aos meus afilhados Kauã Moreira e Mateus Espindola, espero que eu seja uma ponte para os caminhos que vocês pretenderem seguir.

Ao meu orientador, Carlos Henrique dos S. Martins, que desde o início me deu liberdade e confiança para seguir todos os meus anseios em relação à pesquisa, indicando os melhores caminhos com muita responsabilidade e afeto. É um privilégio caminhar ao lado de alguém que ensina e se permite aprender. Agradeço a amizade e a confiança que pudemos construir durante esses dois anos. Aos meus irmãos de orientação, Bianca Toscano, Fernanda Santos Brown e Wesley, que fizeram essa caminhada menos solitária. Sou muito grato a esse encontro que pretendo levar não só na trajetória acadêmica, como também na vida pessoal.

Agradeço ao professor Roberto Borges pela oportunidade de tê-lo por perto. Foi uma grande inspiração como profissional exemplar na sua área e que, apesar do peso do seu papel como professor, me fez sentir tranquilo e consciente nesse ambiente academicista que pode ser um tanto tóxico para pessoas como eu.

Agradeço à minha amiga Caroline Amanda e a todos os outros irmãos do IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) pelo gesto generoso de incentivar meus passos em direção ao autoconhecimento e letramento racial. Fazer parte do Coletivo Carolina de Jesus foi de suma importância na minha vida, me abrindo portas para os questionamentos seguintes. Agradeço aos colegas que compuseram o coletivo das Bixas Pretas que me fez perceber que nem tudo são flores, mas a união faz a força.

Agradeço às amigas Adriana Carvalho, Vania Lima, Juliana Matos, minhas companheiras de vida e de copo que possibilitaram cuidado e afeto durante a escrita da dissertação. Também dedico esta dissertação às coletividades queers e negra como a BATEKOO, que impactam a vida de milhares de jovens. À banca, tanto de qualificação, quanto de defesa, por aceitar fazer parte e contribuir de maneira significativa nessa trajetória tão importante da minha vida.

Aos amigos e familiares que sempre me apoiaram e deixaram mais leve essa jornada intensa no meio de uma pandemia. Muito obrigado!!!

EPÍGRAFE

"Bixa estranha, louca, preta, da favela

Quando ela tá passando, todos riem da cara dela

Mas se liga, macho

Presta muita atenção

Senta e observa a tua destruição

Que eu sou uma bixa louca, preta, favelada

Quicando eu vou passar

E ninguém mais vai dar risada

Se tu for esperto, pode logo perceber

Que eu já não tô pra brincadeira

Eu vou botar é pra fuder"

Linn da Quebrada

RESUMO

JUVENTUDE NEGRA LGBTQIA+ E SUAS ESTRATÉGIAS POLÍTICO-IDENTITÁRIAS

BATEKOO CELEBRANDO AS DIVERSIDADES

Este trabalho tem como propósito analisar como uma parcela da juventude negra tem transformado as diversas adversidades a partir de estratégias politico-identitárias visando a criação de espaços inclusivos para a construção e aceitação de suas múltiplas identidades em face à discriminação. Por essa razão, utilizo como campo de pesquisa a festa BATEKOO que se tornou um símbolo de representação e identificação de jovens negros e LGBTQIAP+, fazendo-se exemplo de vetor para a difusão, manutenção e ampliação desses saberes negros (GOMES, 2017). Observo o fenômeno da festa e das festividades em geral como uma clara ruptura no cotidiano, instaurando uma "indeterminação" nos papéis sociais pré-determinados na sociedade (DUVIGNAUD, 1977). Ser jovem, negro e homossexual no Brasil pode ser uma tarefa complicada. Embora se tratem de marcadores sociais com magnitudes individualizadas, possivelmente, essa convergência de características pode acarretar uma série de opressões aos indivíduos que as apresentam. Dentre diferentes juventudes, existe uma condição de privilégio que distingue grupos os quais possuem maiores ou menores possibilidades de ascensão e vivência plenas de suas juventudes (MARGULIS e URRESTI, 1996). Isso se torna evidente quando se confronta os dados sobre as condições desfavoráveis vivenciadas pela juventude negra brasileira. A festa BATEKOO tem sido um ator social que produz ações políticas de afirmação e valorização do negro a partir de suas performances, indumentárias e danças que visam comunicar suas identidades, cultura e ancestralidade.

Palavras-chave: Juventude; BATEKOO; Empoderamento; Geração tombamento; Juventude negra LGBTQIAP+

ABSTRACT

BLACK LGBTQIA+ YOUTH AND THEIR POLITICAL-IDENTITY STRATEGIES BATEKOO CELEBRATING THE DIVERSITIES

This work aims to analyze how a portion of black youth has transformed the various adversities from political-identity strategies aimed at creating inclusive spaces for the construction and acceptance of their multiple identities in the face of discrimination. For this reason, I use the BATEKOO party as a research field, which has become a symbol of representation and identification of young black people and LGBTQIAP+, becoming an example of a vector for the dissemination, maintenance and expansion of this black knowledge (GOMES, 2017). I observe the phenomenon of parties and festivities in general as a clear rupture in everyday life, establishing an "indeterminacy" in pre-determined social roles in society (DUVIGNAUD, 1977). Being young, black and homosexual in Brazil can be a complicated task. Although these are social markers with individualized magnitudes, this convergence of characteristics may possibly lead to a series of oppression to individuals who present them. Among different youths there is a condition of privilege that distinguishes groups which have greater or lesser possibilities of ascension and full experience of their youth (MARGULIS and URRESTI, 1996). this becomes evident when comparing the data on the unfavorable conditions experienced by black Brazilian youth. The BATEKOO party has been a social actor that produces political actions to affirm and value black people through their performances, costumes and dances that aim to communicate their identities, culture and ancestry.

Keywords: Youth; BATEKOO; Empowerment; Tombamento generation; Black LGBTQIAP+ youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Ruth de Souza e Abdias do Nascimento em cena na peça Imperador Jones 30

Figura 2 – Marsha P. Johson 37

Figura 3 – Gráfico - Número de mortes de LGBTI+ por ano 1990 a 2020 39

Figura 4 – Cantora e rapper Karol Conka, expoente da estética da geração tombamento 49

Figura 5 – Capa da edição da revista americana People de abril de 2014 50

Figuras (6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17) – Jovens que pertence à geração tombamento 53-58

Figura 18 – Criadores da BATEKOO: Maurício Sacramento e Wesley Miranda 60

Figura 19 – Logo da BATEKOO no Teatro Municipal de São Paulo 61

Figura 20 – Mapa do Brasil com o estado da Bahia em evidência 64

Figura 21 – Bloco afro Ilê Aiyê 65

Figura 22 – Criadores e produtores da BATEKOO - Campanha Adidas 66

Figura 23 – Folder dos projetos produzidos pela Escola B 68

Figura 24 – Deise Tigrona, agenciada da BATEKOO Records 72

Figura 25 – Obra “Monumento à Voz de Anastácia” - Yhuri Cruz 73

SUMÁRIO

Introdução **13**

1. Pensamento social e racial no Brasil **25**

1.1 Raça, Racismo Estrutural e antirracismo 25

1.2 Movimento Negro 28

1.2.1 TEN - Teatro Experimental do Negro 30

1.2.2 FNB - Frente Negra Brasileira 31

1.2.3 MNU - Movimento Negro Unificado 32

1.2.4 Homossexualidades e Africanidades 34

1.3 Movimento LGBTQIAP+ 37

1.3.1 Criminalização e Patologização da homossexualidade 40

1.3.2 A construção da sigla LGBTQIAP+ 41

2. Juventudes **45**

2.1.1 Juventudes e questões étnico-raciais 45

2.1.2 Intersecções entre homofobia e racismo 46

2.1.3 Geração Tombamento 47

3. BATEKOO - A FESTA **59**

3.1 Formação da festa/movimento BATEKOO 59

3.2 Bahia/Salvador - o espaço geográfico em que se iniciou a festa 62

3.3 Projetos paralelos aos eventos 67

3.3.1 Escola B 67

3.3.2 BATEKOO Records 71

3.4 A influência das redes sociais na difusão do movimento BATEKOO 73

3.5 A importância do recorte interseccional do público alvo para o movimento BATEKOO 75

3.6 Quilombo, Quilombismo e Queerlombismo 80

Considerações Finais **82**

Anexo **88**

Referências **89**

Introdução

Esta pesquisa tem como propósito analisar como uma parcela da juventude negra tem transformado as diversas adversidades a partir de estratégias político-identitárias visando a criação de espaços inclusivos para a construção e aceitação de suas múltiplas identidades em face à discriminação. Por essa razão, utilizo como campo de pesquisa a festa BATEKOO, que se tornou um símbolo de representação e identificação de jovens negros e LGBTQIAP+, fazendo-se exemplo de vetor para a difusão, manutenção e ampliação desses saberes negros (GOMES, 2017). Observo o fenômeno da festa e das festividades em geral como uma clara ruptura no cotidiano, instaurando uma "indeterminação" nos papéis sociais pré-determinados na sociedade (DUVIGNAUD, 1977). Ser jovem, negro e homossexual no Brasil pode ser uma tarefa complicada. Embora se tratem de marcadores sociais com magnitudes individualizadas, possivelmente, essa convergência de características pode acarretar uma série de opressões aos indivíduos que as apresentam.

A inquietação que me motivou a desenvolver este trabalho relaciona-se com minha trajetória pessoal, marcada pelo racismo e pela LGBTfobia[1]. Considero oportuno traçar um paralelo com algumas particularidades e experiências que aconteceram na minha trajetória que me motivaram a desenvolver este trabalho e que se relacionam com o fato de eu me identificar com um homem cisgênero[2], negro e gay. Sempre me senti tocado por pautas que abordam os direitos humanos, principalmente as que tangem povos tidos como minoritários.

Parte do meu desejo em ingressar no curso de graduação em Relações Internacionais, em 2006, veio em decorrência do momento histórico no qual duas das lideranças mais importantes no mundo eram ocupadas por dois homens que provavelmente não estariam lá, se não fossem pelos esforços dos movimentos sociais no Brasil e as lutas pelos direitos civis nos EUA. O primeiro negro a presidir a maior economia mundial, Barack Obama, e do mesmo modo, o maior país da América Latina sendo presidido por um homem nordestino, operário, não graduado de origem humilde,

[1] A LGBTfobia trata-se do ódio ou a rejeição às pessoas que pertencem a essa comunidade.

[2] O termo cisgênero se refere à identidade de gênero (homem ou mulher).

Luiz Inácio Lula da Silva, ex-presidente do Brasil. Existia uma sensação de um possível pertencimento e esperança numa sociedade menos desigual.

Quando pensei em ingressar no mestrado em relações étnico-raciais, tive muitas indagações, e grande parte do meu receio era de rememorar feridas e traumas raciais, a partir das aulas e dos textos. Por outro lado, existia em mim um desejo de aprender ainda mais e multiplicar conhecimentos sobre as pautas étnico-raciais que me transformaram a ponto de eu quase não reconhecer a personalidade do jovem negro em formação para o que eu sou hoje em dia. Essa formação não se deu apenas pelo letramento formal, como também pelos exemplos e ensinamentos dos que vieram e lutaram antes, através de discursos verbais, não verbais, estéticos, religiosos e culturais.

Numa perspectiva mais pessoal, a respeito da minha consciência racial, ela não se deu inerentemente pelo fato de ter nascido com a pele negra. Apesar de fazer parte de uma família negra de pele escura, meus pais, ambos nascidos no interior de Minas Gerais e serem oriundos de grupos sociais muito simples, a temática racial nunca foi abordada de uma forma questionadora ou orgulhosa, ao meu redor. O discurso meritocrático vendido pela sociedade que incorporou o mito da democracia racial[3], se fez presente em meu seio familiar, porém não é uma exclusividade, isso é de um coletivo pela forma de construção de nação e dos discursos raciais.

Eu apenas refleti de forma autônoma sobre as minhas diferentes identidades, após a inserção na universidade. A questão racial, naquele momento, não era a mais sensível para mim. Recém saído da adolescência, no auge dos hormônios, possuir uma orientação sexual não vista como padrão era o meu maior pesadelo na época, invisibilizando questões "mais visíveis" para os outros, como o tom da minha pele e o racismo derivado disso.

Cresci num ambiente em que a minha condição de negro não era uma questão, nem um problema, talvez pela falta de consciência racial da minha família, porém a sexualidade dissidente sempre foi. Constantemente, era comparado a uma personagem

[3] Democracia racial é um conceito que nega a existência do racismo no Brasil. É tratada como mito e ideologia por buscar exprimir a vigência de uma suposta democracia plena que se estenderia às pessoas de todas as raças, a despeito das desigualdades motivadas pelo racismo no país e por estruturas racistas culturais, sociais e políticas que privilegiam brasileiros brancos. NASCIMENTO, Abdias do. *Democracia racial*: mito ou realidade? Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/democracia-racial-mito-ou-realidade/>. Acesso em: 4 mar. 2021.

famosa de uma travesti negra em um programa humorístico[4] do começo dos anos de 1990, a Vera Verão. Vera era interpretada brilhantemente pelo ator Jorge Lafond, essa comparação, entretanto, me deixava desconfortável, pois a minha sexualidade era uma questão bem sensível pra mim.

Durante o início da minha juventude, costumava entrar nos *chats* do bate-papo UOL[5], principalmente, nas salas de amizade com o intuito de entrar em contato com histórias parecidas com as minhas, o que me fazia me sentir menos estranho, e também pensava na possibilidade de conhecer alguém bacana para me relacionar. Quando eu dizia que era negro, ao responder perguntas sobre a minha descrição, muitas vezes os outros caras paravam de falar comigo. Por mais que não fosse alienado sobre o racismo no Brasil, essa rejeição antes mesmo da possibilidade de mostrar parte da minha subjetividade através das palavras, me fez criar um sentimento não positivo sobre minha negritude, que há anos tem sido superado. Por muitos anos me defini como mulato, que etimologicamente possui um sentido bastante depreciativo (mulato se deriva de "mula", animal produto do cruzamento do cavalo com a jumenta ou o jumento com a égua). De alguma forma, sentia que a palavra mulato atenuava a minha negritude para com os outros, sendo um "defeito menor".

No processo de escravização, criaram-se teorias raciais que afirmavam que negros era inferiores e submissos. O Movimento Negro Brasileiro teve e continua tendo um papel essencial na mudança das perspectivas sobre o negro na sociedade e do seu olhar sobre si, na interlocução e sistematização de conhecimentos oriundos das comunidades negras desde a época da colônia até os dias de hoje. Uma das molas propulsoras dessa mudança veio quando iniciei minha segunda graduação e conheci alguns alunos negros de outro campus que me convidaram para participar de reuniões que eles promoviam. A partir daquela oportunidade, eu realmente passei a acreditar na potência da experiência que a coletividade promove. Ingressei no coletivo negro Carolina de Jesus formado majoritariamente por alunos dos cursos de Ciências Sociais da UFRJ, em 2013, lá pude me deparar com questões as quais desconhecia pela falta

[4] O programa “A Praça É Nossa”, no SBT, estreou no dia 7 de maio de 1987 e continua no ar até os dias de hoje. Anteriormente, de 1957 a 1976, a atração, sob o comando de Manoel de Nóbrega, era chamada "A Praça da Alegria" e exibida na extinta TV Paulista (que depois viria a ser a TV Globo). Em seguida, a atração passou pela Record e TV Rio até sair do ar nos anos 70. Disponível em: <https://www.sbt.com.br/variedades/a-praca-e-nossa#fique-por-dentro>. Acesso em: 3 mar. 2021.

[5] O Bate-papo UOL é o maior serviço de *chat* em língua portuguesa do mundo, com 7.800 salas divididas em temas como Cidades, Idades, Sexualidade, dentre outras. Disponível em: <https://batepapo.uol.com.br/>. Acesso em: 3 mar. 2021.

de convivência com outros negros e pela carência de diálogos mais abertos sobre a questão racial no meu núcleo familiar. Vejo como um dos pilares para a construção da consciência racial crítica que teve grande contribuição dos textos, de todos os colegas do coletivo e, principalmente, da Carolina Amanda Borges, uma pessoa que me fez refletir através de suas ações mais simples e genuínas que ao mesmo possuíam um forte cunho antirracista. Sou muito grato ao universo e aos ancestrais por esse encontro.

No começo de 2015, me convidaram para uma festa/show gratuito da cantora/rapper Tássia Reis, até então no começo de sua carreira musical. O evento aconteceu numa casa grande no bairro de Santa Teresa e, para minha surpresa, foi a primeira vez que eu fui num evento em que ocasionalmente a maior parte do público era negro, jovem e LGBTQIAP+. Esse dia me causou um impacto profundo, pela primeira vez me senti mais um participante no melhor sentido que essa expressão pode ter, sem nenhum sentimento de inadequação no ambiente. Quando voltei para casa, chorei emocionado pela experiência de pertencimento que nunca tinha me acometido, e ao mesmo tempo fiquei triste por ter sido um evento único. Já havia estado em lugares majoritariamente negros, mas me sentia tolhido em expressar minha sexualidade livremente, por outro lado, em festas e eventos para o público LGBTQIAP+, me sentia não pertencente, pois não me via representado racialmente naquele ambiente. Nilma Lino Gomes expressa essa sensação de pertencimento que senti no seguinte trecho de seu artigo “Juventude, práticas culturais e negritude”*:*

> A possibilidade de participar e conviver dentro de um grupo cultural que expressa a presença da africanizada através da dança, do ritmo, da música, da percussão e da corporeidade interfere de maneira positiva na afirmação da identidade negra dos jovens, mesmo que tal processo não se dê de forma consciente. (GOMES, 2000, p.12)



Foto de frequentadores da BATEKOO retirada do Instagram da festa.
Reprodução da internet. Disponível em: <https://www.instagram.com/BATEKOO/>.

Pouco tempo depois, em meados de 2016, a festa BATEKOO, sobre a qual falarei a seguir, entrou na minha vida em sua primeira edição na cidade do Rio de Janeiro, foi um verdadeiro divisor de águas na minha autoestima e percepção sobre meu lugar no mundo. Na época, eu tinha 26 anos de idade e nunca havia ido numa festa que focava num público que compartilhava as mesmas interseccionalidades opressivas que eu, a racial e sexual. Me senti verdadeiramente integrado, tanto interna quanto externamente no meio de uma coletividade majoritariamente jovem, negra e gay num lugar que sempre foi dominado por pessoas brancas e heterossexuais. Minha subjetividade, minha raça, minha sexualidade dentre singularidades da minha pessoa, eram aceitas e exaltadas naquele espaço onde eu poderia me expressar sem medo.

A partir dessa experiência, comecei a refletir e comentar com outros amigos negros sobre os efeitos que esse evento me causou. A construção de uma identidade negra positivada não se determina apenas pelo fato de nascer negro, o convívio numa comunidade negra ou mesmo frequentar festividades que privilegiam a cultura afro-brasileira, como a BATEKOO, são de suma importância para a desconstrução do olhar eurocentrado que nos é imposto e a positivação de nossas identidades. Por essa razão,

escolhi a festa BATEKOO e suas intervenções nas vidas dos jovens negros LGBTQIA+. Enxergo a festa como uma ação política que potencializa temáticas como a racialidade, juventude negra, identidade, homossexualidade, representatividade, empoderamento, interseccionalidade, movimento negro, dentre outras.

Outra circunstância que me influenciou bastante em meus questionamentos foi a construção do Coletivo Bixas[6] Pretas, um coletivo criado por mim e mais 3 amigos com o intuito de juntarmos outros jovens negros gays e compartilharmos nossas vivências e sentimentos. Como parte de minorias discriminadas por uma parcela da sociedade, percebo, a partir da consideração da exaltação da diversidade proposta pelo coletivo, como também pela BATEKOO, a existência de espaços de entretenimento capazes de criar atmosferas de pertencimento e plena integração.

Compreender as relações étnico-raciais no Brasil no momento presente, perpassando pela juventude negra é uma tarefa complexa, pois suas múltiplas construções identitárias são estruturadas em diferentes campos nos quais existem grandes discordâncias de discursos que são fortemente estigmatizados em relação a cultura, existência social, sexualidade, subjetividade, dentre outros. Isso se dificulta quando se nota o crescimento da crença de que a juventude é a etapa do ciclo da vida na qual culmina o processo de socialização, pois prepara o indivíduo para a produção e reprodução da vida e da sociedade (ABRAMO, 2005). Existem diferentes compreensões de juventudes, e dentre essa gama diversa, me relaciono com a percepção que explicita a condição de privilégio que distingue grupos de jovens os quais possuem maiores ou menores possibilidades de ascensão e vivências plenas de suas juventudes expressões em suas distintas moratórias (MARGULIS e URRESTI,1996)[7]. Isso se torna evidente quando se trata pela juventude negra brasileira, uma significativa parcela da população que, de acordo com censos e pesquisas, é visto como base da pirâmide social, porém ocupa os primeiros lugares em relação à discriminação, encarceramento, muitas vezes, vivendo na invisibilidade e à margem da sociedade.

---

[6] Faço uso do “x” como possibilidade de intervenção no gênero gramatical das palavras, enquanto ação engajada no exercício de um ativismo linguístico (LAGARES, 2018) questionador frente ao masculinismo universalista na língua, agenciando, assim, imundícies verbais (BORBA; LOPES, 2018).

[7] MARGULLIS, Mario y URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que uma palabra*. In: ARIOVICH, Laura [at al.]. *La juventud es más que uma palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/mario_margulis-la-juventud-es-mas-que-una-palabra.pdf>.

De acordo com o Atlas da violência 2020[8], entre 2008 e 2018, os casos de homicídio de pessoas negras (pretas e pardas) aumentaram 11,5%. Por outro lado, o número de casos desse tipo de violência em relação a não negros (brancos, amarelos e indígenas) diminuiu 12,9% no mesmo período. Sendo entre jovens negros, a chance de ser assassinado é quase três vezes maior que um jovem branco. Percebe-se também um aumento da violência para a população LGBTQIAP+. Em 2019, foram registrados no país 329 mortes violentas, sendo 297 homicídios e 32 suicídios. Esses dados foram apontados no relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), o que torna o Brasil o país que mais mata homossexuais no mundo.

Contrariando a perspectiva de violência e discriminação comumente associada à juventude negra no Brasil, surge o fenômeno conhecido como “geração tombamento” que reflete um momento no qual as pessoas negras, geralmente jovens, passam a reconhecer sua negritude através do uso de *black powers*, tranças, roupas étnicas, entre outros estilos, intensificando uma onda já existente de debates a respeito da estética e empoderamento negros no Brasil. Vejo que o nascimento deste movimento está fortemente relacionado com a "crise das identidades" teorizada por Stuart Hall. Ele aponta a crise em antigas ancoragens de identidades e expõe o aumento da visibilidade de novos grupos culturais que buscavam afirmar suas identidades, questionando a posição privilegiada das identidades tidas até o momento como hegemônicas. Por consequência disso, planejo utilizar como um dos basilares para esta pesquisa o conceito de identidade cultural também desenvolvido por Stuart Hall (2000), que seria a estruturação da identidade a partir da crença do indivíduo de pertencer ou interagir com as culturas étnicas, nacionais, linguísticas, religiosas e, sobretudo, raciais. Acredito que este conceito contempla de maneira mais ampla diferentes aspectos da construção identitária.

Movimento e articulações como o movimento feminista, movimento LGBGTQIA+ e o movimento negro são exemplos de grupos que ganharam visibilidade. Enxergo a criação da festa BATEKOO como um resultado expoente dessa movimentação, sendo um ator social que produz ações políticas de afirmação e valorização do jovem negro a partir de suas performances, indumentárias e danças que visam comunicar suas identidades, cultura e ancestralidade. Além das festas nacionais e internacionais, a

[8] Atlas da violência 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/download/24/atlas-da-violencia-2020)> Acesso: 2 fev. 2021.

BATEKOO ampliou sua abordagem criando novas frentes de atuação, são elas: Escola B e BATEKOO Records.

Partindo para a questão metodológica da pesquisa, o trabalho foi desenvolvido através de distintas estratégias. A técnica inicialmente pensada para a elaboração da dissertação seria observação participante criada pelo antropólogo Bronislaw Malinowski (1978), porém pelo advento da pandemia e as dificuldades dos encontros, me vi obrigado a pensar em outras metodologias, principalmente pelo fato do objeto principal de estudo, no caso a festa BATEKOO, não estar ocorrendo em razão da pandemia.

Escolhi fazer uso de uma junção de métodos de pesquisa, também conhecido como multimétodo. O primeiro, é o método que se relaciona com a memória do entrevistado. Como Pollak (1992) ressalta, a memória não se resume à vida de uma pessoa, mas também é uma construção coletiva, um fenômeno construído, organizado a partir do presente, e em parte herdada. Ele também considera que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, um dos temas centrais deste trabalho.

Ao se tratar do estudo da memória, é preciso ressaltar, sobretudo, o seu caráter subjetivo. Uma subjetividade que a caracteriza como um método qualitativo. Utilizo pesquisa qualitativa, visando criar a partir do quadro referencial dos sujeitos envolvidos no estudo, um processo de decodificação de significados das ações e emoções humanas, por meio de dados sólidos e robustos. Numa pesquisa qualitativa são feitas entrevistas que visam fornecer dados básicos para a compreensão das relações entre os atores sociais e o fenômeno, tendo como objetivo a compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos específicos (CHIZZOTTI, 1991).

Utilizo uma outra forma metodológica bem recente, mas muito potente quando se trata da temática étnico-racial, a escrevivência, conceito desenvolvido pela escritora Conceição Evaristo. A escrevivência como ferramenta metodológica tem um motivo que merece destaque, pois se presta a uma subversão da produção de conhecimento, além de introduzir uma fissura de caráter eminentemente artístico na escrita científica, apresenta-se por meio da entoação de vozes de mulheres subalternas e de sua posicionalidade na narração da sua própria existência.

Conforme Conceição Evaristo (2009), a história das negras e dos negros no Brasil, localizada no interior de um sistema de forças coloniais que caracterizaram e

ainda caracterizam a constituição identitária do país, ocupa uma posição subalternizada em relação às narrativas sobre conhecimento, principalmente quando analisada a produção escrita nacional.

Nesse percurso, ao invés de fazer uso apenas de falas femininas como a escritora sugere, recorri às falas dos jovens (homens e mulheres) que participaram e participam das festas promovidas pela equipe BATEKOO, sendo o grupo que possui muitas questões similares, pois são atravessados por questões ligadas à intolerância de gênero, sexualidade e racismo. A BATEKOO é um espaço de acolhida onde esses jovens têm suas demandas respeitadas e exaltadas. Sendo assim, baseado no estudo do próprio homem, em sua relação com o meio social, ao qual está inserido, levando em conta os sentidos, os sentimentos e a sensibilidade dos indivíduos envolvidos no processo de pesquisa.

As fontes de pesquisa se dividem em primárias e secundárias. No que tange as fontes primárias, almeja-se que a coleta de dados seja feita por meio de entrevista semiestruturada, também conhecida como semidiretiva ou semiaberta. Para Manzini (1990/1991, p.154), a entrevista semiestruturada está focada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas da entrevista. O autor afirma que este tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas.

Quatro jovens negros foram entrevistados por meio da videochamadas e áudios por meio dos aplicativos Whatsapp e Google Meet. Os participantes foram selecionados por possuírem diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, sendo um homem cis gay, uma mulher cis lésbica, uma mulher trans hétero, uma mulher cis hétero. Considero que, apesar de pequeno, esse grupo engloba uma parcela representativa da maior parte dos frequentadores, dessa forma, suas diferentes visões devem contribuir muito a partir de suas óticas específicas de modo a compreender os discursos de identidade e de “sujeito político” destes jovens e respectivas trajetórias de formação política.

Os resultados produzidos pela análise interpretativa do conteúdo das entrevistas dos frequentadores, em sua maioria LGBTQIAP’s, dialogam com os pressupostos teóricos dos estudos que realizam o debate contemporâneo sobre “sexualidade” e “identidade”, em especial, dos pressupostos pós-estruturalistas.

Escolho a edição paulistana da festa para a elaboração desta pesquisa, pois atualmente é a festa que possui uma maior produção e a contribuição dos membros fundadores que se mudaram de Salvador, passaram pelo Rio de Janeiro e hoje habitam a cidade de São Paulo. Porém, percebi que nas edições de diferentes estados, como Bahia e Rio de Janeiro, existe uma alternância dos grupos majoritários presentes no evento. Estive por duas vezes em festas BATEKOO em Salvador, porém elas ocorreram em bairros diferentes, de distintas classes sociais, o que gerou certa diferença nos públicos. Outro fator que também percebi foi a influência mais forte da música regional, nesse caso, o pagode baiano era o ritmo majoritário das edições.

A escolha de um grupo diverso no campo sexual/afetivo e de gênero se faz necessária, pois tais categorias representam o maior número de participantes tanto da festa quanto do movimento BATEKOO em São Paulo. Apesar da festa BATEKOO se intitular como uma festa focada no público LGBTQIAP+, quase 70% dos frequentadores são mulheres negras entre lésbicas e heterossexuais. Grande parte dessas mulheres frequentam a BATEKOO pois se sentem mais seguras num ambiente não lido como heteronormativo.

Problema de pesquisa:

A representatividade significa representar politicamente os interesses, ou seja, “fazer às vezes do outro” ou “estar no lugar do outro” em um determinado momento ou espaço. Partindo desse prisma e ampliando a partir do conceito de representação (HALL, 1996), chegamos na importância que a representação social e a representação simbólica possuem na formação da subjetividade dos jovens, ainda mais num país como o Brasil, no qual se foi feito um genocídio do negro brasileiro (NASCIMENTO, 2016) vivenciado pela população negra a partir exclusão social e dominação cognitiva.

Em que medida a falta representatividade em um espaço de convivência, acolhimento e afetividade interfere no fortalecimento individual e na construção das identidades dos jovens negros LGBTQIAP's?

Hipótese:

As festas possuem, em si, capacidade de mobilizar as identidades, visto que seu significado, suas manifestações, seu desenvolvimento, discursos e os mitos mantêm relacionado de perto ou de longe a unidade e a identidade (BEZERRA, 2008). A BATEKOO tem se tornado cada vez mais relevante, sendo eleita em 2019 pelo Jornal Folha de São Paulo como a melhor festa da noite da cidade de São Paulo. Parte-se da hipótese de que a existência de festas que visam a exaltação de interesses e perspectivas de diferentes grupos sociais, como a BATEKOO, colaboram para o questionamento dos frequentadores sobre suas próprias construções identitárias e fortalecerem-se como indivíduos perante as intolerâncias da sociedade.

Objetivos:

Objetivo Geral:

- Analisar as identidades culturais dos jovens negros frequentadores da BATEKOO;
- Investigar uma ressignificação e transformação de perspectiva na maneira de pensar a respeito da identidade negra do jovem;

Estrutura da dissertação:

Esta dissertação está estruturada em três capítulos diretamente relacionados a questões e conceitos que vem à mente quando aprofundamos o que pode representar a festa BATEKOO e seu recorte de público. Dessa maneira, movimentos negros e lgtbqia+,

No primeiro capítulo, faço um condensado sobre as questões raciais e sociais no Brasil. O conceito de racismo estrutural (ALMEIDA, 2018) é colocado na explanação sobre o processo desenvolvido na sociedade brasileira desde a colonização até os dias de hoje. Também introduzo o histórico do movimento negro no Brasil e todos os avanços provocados por suas lutas e reinvindicações. Junto a isso, estendo-me sobre a construção do movimento LGBTQIAP+ que foi iniciado a partir da Revolta de *Stonewall* e as evoluções conseguidas por essa comunidade, apesar do governo vigente no país.

No segundo capítulo, foco nas temáticas que tangem as diversas compreensões de juventudes e, mais especificamente, uma perspectiva sobre a juventude negra LGBTQIAP+ e a geração tombamento.

No terceiro capítulo, denominado "BATEKOO - A festa", trata das particularidades dessa festa que acabou se transformando num movimento. Os conceitos de interseccionalidade, identidade cultural, empoderamento e estética integram esse capítulo, demonstrando os resultados das análises decorrentes das entrevistas com o grupo de jovens.

Desta forma, pretendo promover uma discussão que possa contribuir para os estudos étnico-raciais, ampliando perspectivas acerca de um público que ainda não foi muito visibilizado pela academia.

1. Pensamento social e racial no Brasil

Neste capítulo, dividido em três seções, discuto como a questão da raça e racismo são vivenciadas no Brasil, abordando os períodos da colonização, escravidão e república. Apesar de mais de cinco séculos de história, existem traumas causados pelo racismo e por suas políticas, que perpassam todo esse arco temporal.

Compreender as relações étnico-raciais no Brasil no momento presente, perpassando pela juventude negra LGBTQIAP+ é uma tarefa complexa, pois suas múltiplas construções identitárias são estruturadas em diferentes campos nos quais existem grandes discordâncias de discursos que são fortemente estigmatizados em relação a cultura, existência social, sexualidade, subjetividade, dentre outros. Isso se dificulta quando se nota o crescimento da crença de que a juventude é a etapa do ciclo da vida na qual culmina o processo de socialização, pois prepara o indivíduo para a produção e reprodução da vida e da sociedade (Abramo, 2005). Entretanto, para uma visão mais aprofundada sobre o tema, se faz necessário um olhar mais amplo sobre diferentes perspectivas que fomentaram os movimentos.

1.1 Raça, Racismo Estrutural e antirracismo

Raça é um signo flutuante que se move de acordo com as características da sociedade em que se está inserido (HALL, 2000). Antônio Guimarães afirma que o conceito de raça não corresponde a nenhuma realidade natural, constituindo uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais. No que tange a noção central do pensamento brasileiro, seria baseada no embranquecimento aliado à rejeição simbólica do negro e africano. Centrado nas noções de cor - hierarquia dos grupos de prestígio, permite compreender a inscrição do racismo na estrutura social e no comportamento dos brasileiros.

A escravidão é um símbolo histórico do processo civilizacional da nação. Durante esse período, negros tiveram sua dignidade retirada por esse processo tão brutal e desumano, não houve nenhum projeto de inserção do negro na sociedade brasileira após a abolição. Historicamente, a colonização portuguesa no Brasil formou um povo pluriétnico, entretanto, o eurocentrismo definiu a constituição da identidade nacional, renegando a contribuição das populações negra e indígena na formação do país

(MUNANGA, 2004). Apesar disso, o racismo no Brasil infelizmente continua sendo um tabu. O racismo pode ser compreendido como

> uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meios de práticas conscientes ou inconsciente que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender ao grupo racial ao que pertençam. (ALMEIDA, 2015, p.25)

Para Almeida, ele se apresenta a partir de três diferentes concepções: a individual, a institucional e a estrutural, se relacionando com várias esferas de poder, como direito, economia, sendo utilizado para justificar a inferioridade negra quando se toca na questão da desigualdade racial.

Dentre os procedimentos utilizados para legitimar o racismo, estão as teorias raciais do século XIX, que interferiram na edificação das estruturas sociais tendo como argumento a existência de uma hierarquia racial, pela qual a sociedade se dividia em diferentes níveis de evolução. Schwarcz defende que a construção da ideia racial no país sob o foco da teoria eugenista, que propunha justificar as diferenças por argumentos biológicos baseados no discurso científico, fazia parte de uma política de embranquecimento do Estado nacional, uma vez que a visão do país no exterior era tida como ruim pela grande quantidade de negros e miscigenados (SCHWARCZ, 1993). O racismo científico teve grande disseminação nas altas camadas da sociedade brasileira.

De acordo, como Sérgio Costa em artigo "Branco como meta: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata", pensadores influentes no Brasil da década de 30, como o médico Nina Rodrigues, o crítico literário Sílvio Romero e o ensaísta Euclides da Cunha, acreditavam na existência de uma hierarquia racial e defendiam que a miscigenação entre os povos de diferentes raças contribuiria para degeneração da eugenia da raça nacional, o que impediria que o Brasil se tornasse uma nação forte. Apesar de compartilharem a fundamentação de seus argumentos baseados na existência de classe racial, no entanto, os pensadores acima divergiam na disseminação desse discurso. Enquanto Nina Rodrigues anulava o discurso etnológico aos negros, Silvio Romero defendia que através da miscigenação todos os brasileiros se tonariam brancos (COSTA, 2006, p.51).

Muitas vezes, organismos que deveriam cuidar e respeitar a todos os cidadãos são responsáveis pela manutenção das opressões diárias vividas pela parcela mais vulnerável da sociedade. O Estado geralmente é esse responsável, fazendo uso de

mecanismos de poder que são geridos por ele como o acesso à educação, saúde, segurança, dentre outros.

O filósofo francês Michel Foucault desenvolveu o conceito de biopoder ou biopolítica para se referir à prática dos Estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de uma "explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação dos corpos e o controle de populações". Para ele, o biopoder parece funcionar mediante a divisão entre as pessoas que devem viver ou não.

Foucault usa como exemplo o estado de exceção relacionado ao Estado nazista como modelo mais completo de uma nação exercendo a sua soberania, pelo poder de matar para possibilitar viver. Esse processo foi em parte facilitado pelos estereótipos racistas e pelo florescimento de um racismo baseado em classe que ao traduzir os conflitos sociais do mundo industrial em termos raciais, acabou comparando as classes trabalhadoras e os desamparados pelo Estado do mundo industrial com os “selvagens” do mundo colonial.

Sabendo-se que a raça é um dos principais conceitos que organiza grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas, o sociólogo camaronês Achille Mbembe formulou o conceito de necropolítica, contrapondo o trabalho iniciado por Foucault sobre biopoder. A partir da negação racial de qualquer vínculo comum entre o conquistador e o nativo provém a constatação de que as colônias possam ser governadas na ilegalidade absoluta. Aos olhos do conquistador, vida selvagem é apenas uma forma de vida animal.

Passados 132 anos da abolição da escravatura, ainda é muito difícil para a população negra receber um tratamento justo ou respeitável quando se compara à população branca. Apesar disso, Hall (2000) aponta a crise em antigas ancoragens de identidades e expõe o aumento da visibilidade de novos grupos culturais que buscavam afirmar suas identidades, questionando a posição privilegiada das identidades tidas até o momento como hegemônicas. O sociólogo constrói seu ponto de vista de acordo com o seguinte conceito de identidade:

> O conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional. [...] Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2000, p.108)

Nesse sentido, temos visto uma superação dos estereótipos negativos amparados ao longo dos séculos, na construção da identidade do jovem negro dos dias de hoje. As lutas constantes do movimento negro aliadas a uma série de políticas afirmativas (cotas), políticas de redistribuição de renda do início do século XXI, e a construção de novas formas de manifestação cultural, social e econômicas como feiras, espaços, grupos e festas que exaltam a cultura negra.

1.2 Movimento Negro Brasileiro

Sinto a necessidade de abordar os movimentos socias, principalmente o negro e o LGBTQIAP+, dado que a experiência e vivência da juventude negra LGBTQIAP+ contemporânea seria completamente diferenciada. Os esforços dos movimentos sociais como um todo foram as bases para mudanças significativas dentro do campo político e social da sociedade em que vivemos hoje.

A politização do pensamento racial em relação ao que se compreende como negro, foi uma grande conquista do Movimento Negro no Brasil. Isso é um produto derivado de anos de lutas contra práticas racistas, por equidade, por implementações de políticas públicas e diminuição de desigualdades raciais. O movimento negro é um dos maiores atores políticos que evidencia e sistematiza os saberes produzidos pela comunidade negra.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (1996) acredita-se que os projetos educativos concebidos pelo Movimento Negro no Brasil e também na América Latina são como emancipatórios. Entende-se como emancipação a transformação social e cultural, como libertação do ser humano, esteve presente nas ações da comunidade negra organizada, com todas as tensões e contradições do próprio processo, tanto no período da escravidão quanto no pós-abolição e a partir do advento da República (GOMES, 2019, p.21).

De fato, até as primeiras décadas do século passado, não existiam políticas governamentais destinadas especificamente à população afrodescendente. Os governos da época nem sequer buscaram mecanismos apropriados para integrar os novos trabalhadores livres na sociedade brasileira após o fim da escravidão. Os ex-escravizados foram lançados a esmo, enquanto, concomitantemente, levas de imigrantes europeus do pós-guerra chegavam em número significativo no Brasil para ocupar os postos de trabalho de maneira assalariada.

Ao contrário do tratamento dado aos estrangeiros brancos chegados ao país, existia uma política eugenista que visava, a partir de medidas repressivas e disciplinadoras, proteger a sociedade contra os negros, vistos como um risco à sociedade, pois eram inclinados ao crime e à violência.

O Movimento Negro conquistou um lugar de existência afirmativa no Brasil. Ao trazer o debate sobre o racismo para a cena pública e indagar as políticas públicas e seu compromisso com a superação das desigualdades raciais, esse movimento social ressignifica e politiza a raça, dando-lhe um trato emancipatório e não inferiorizante (GOMES, 2019). A política das identidades faz com que nos organizemos para lutar por nossa existência, mas não significa que a representatividade do negro seja antirracista.

Entre 1988 e 1994, o único mecanismo institucional efetivamente implantado na defesa dos afrodescendentes era a Fundação Cultural Palmares, uma organização governamental responsável pela promoção e preservação dos valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira, criada na gestão de José Sarney. Infelizmente, hoje temos visto um grande retrocesso na instituição através da figura do presidente da mesma, Sérgio Camargo. Aliado ao governo de extrema direita que rege o país atualmente, apesar de ser um homem negro, trabalha fortemente para destruir todo o legado das gerações negras.

Em contrapartida, eventos com grande carga simbólica como a Conferência de Durban[9], na qual o Brasil participou com a maior delegação do mundo, foram fundamentais para avançar e sedimentar os avanços contra o racismo no Brasil até os dias de hoje.

A criação da Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR), em março de 2003, representa uma das maiores conquistas do movimento negro contemporâneo. A construção do movimento negro foi e continua sendo de suma importância para que nós negros voltemos a ter a dignidade, memória e orgulho que nos foi tirado pelo processo de escravização. Escolho aqui três grandes eixos para exemplificar a elevação e desenvolvimento do pensamento negro brasileiro.

[9] A III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerâncias Correlatas foi realizada em setembro de 2001, em Durban, na África do Sul e contou com mais de 16 mil participantes de 173 países. Disponível em: <https://brazil.unfpa.org/pt-br/publications/declaracao-de-durban>.

1.2.1 TEN - Teatro Experimental do Negro

Inicio pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944, rompendo a barreira racial no teatro brasileiro, na estreia da sua primeira montagem original, “O Imperador Jones”. Dentre seus principais fundadores estão Abdias do Nascimento, Ruth de Souza, Léa Garcia, Haroldo da Costa, entre outros que se tornaram importantes atores e atrizes do país. Apesar da grande magnitude de todos os fundadores, vale-se destacar um dos nomes mais célebres para a elaboração e o fortalecimento do pensamento negro brasileiro, Abdias do Nascimento. Ele foi um poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico e ativista pan-africanista. Suas obras nas artes plásticas foram e continuam sendo largamente exibidas dentro e fora do Brasil reconhecendo o legado cultural africano no contexto do combate ao racismo. Professor Emérito da Universidade do Estado de Nova York. No âmbito político, foi deputado federal, senador da República e secretário do governo do Estado do Rio de Janeiro, sempre pautando demandas da população negra.



Ruth de Souza e Abdias do Nascimento em cena na peça Imperador Jones.

Reprodução internet. Disponível em: </https://ipeafro.org.br/personalidades/ruth-de-souza/>

O TEN tinha como principal estratégia, para o rompimento de visões históricas sobre o negro e alcançar o seu objetivo político e ideológico, definir a relação entre teatro, política e educação. A conscientização dos atores também vinha através do processo de alfabetização do elenco, recrutado entre operários, empregadas domésticas, favelados sem profissão definida e modestos. O grupo elaborou um projeto em 1946 junto à Assembleia Constituinte, que infelizmente não foi aprovado, no qual propunha a criminalização do preconceito racial no país.

A formação de uma elite de intelectuais negros também fazia parte do ideário sustentado pelo TEN, ao mesmo tempo que opunham a visão da alta sociedade vigente na época que afirmava existir uma democracia racial no Brasil. Alguns autores criticam posicionamentos do TEN em relação a uma integração e superação do racismo através de diluição de conflitos enquanto esperavam ser reconhecidos como iguais pelos intelectuais brancos (MULLER,1999). Acredito que essa visão pode ser relacionada ao fato de que nossas ações e proposições são engendradas no nosso passado, ligadas fortemente aos contextos de opressão como a escravidão e o racismo.

1.2.2 FNB - Frente Negra Brasileira

Nas duas primeiras décadas do século XX, alguns grupos e associações que pautavam questões étnico-raciais se dividiam em grandes centros como Campinas e São Paulo, entretanto, nenhuma iniciativa teve a relevância da FNB. Sendo uma das organizações pioneiras, a Frente Negra Brasileira (FNB) foi criada em outubro de 1931, na cidade de São Paulo para exigir igualdade de direitos e participação dos negros na sociedade brasileira. Dentre seus líderes estavam Arlindo Veiga dos Santos, José Correia Leite e outros, a organização desenvolvia diversas atividades de caráter político, cultural e educacional para os seus associados. Realizava palestras, seminários, cursos de alfabetização, oficinas de costura e promovia festivais de música.

Seu caráter inovador para época visava ampliar ideias emancipatórias produzidas pelos negros e pelas negras, introduzindo uma forma de conhecer o mundo, da produção de uma racionalidade, marcada pela vivência da raça numa sociedade racializada desde o início da sua conformação racial (GOMES, 2019, p.67).

Apesar de todos os progressos nos debates angariados pela FNB, alguns posicionamentos da direção em suporte ao governo Vargas e ao integralismo nem

sempre foram encarados com bons olhos por seus próprios associados (MACHADO, 2020).

Embora não tenha tido uma vida longa, a Frente Negra Brasil existiu até 1937, quando a ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas dissolveu partidos e organizações sociais. A organização chegou até a se transformar em um partido político em 1936, se tornando o primeiro e único partido negro da história do país, mesmo sem ter participado de eleições.

A influência da FNB foi enorme na época, gerando uma série de organizações homônimas pelo país e influenciando movimentos negros na América Latina e no Caribe (MACHADO, 2020).

1.2.3 - MNU - Movimento Negro Unificado

Outra importante corrente do pensamento negro veio à tona no fim da década de 70. No dia 7 de julho de 1978, nas escadarias do Theatro Municipal de São Paulo, num ato público contra o racismo, foi apresentado à sociedade brasileira o Movimento Negro Unificado (MNU). Em pleno período de ditadura militar (1964-1985) eles fizeram uma manifestação histórica contra o racismo e por melhorias para a população negra. Grandes pensadores como Lélia Gonzalez. O nome Movimento Negro Unificado foi sugerido pelo Abdias Nascimento. Em quase 43 anos de operação, o movimento obteve conquistas importantes como a demarcação de terras quilombolas, e trabalhou para que houvesse a promulgação da Lei 10.639, que prevê o ensino da história afro-brasileira nas escolas, o crescimento – ainda que insuficiente – na quantidade de pessoas negras nas universidades, e o fortalecimento da consciência racial dos jovens. (CAETANO, 2019).

Sua atuação em conjunto aos outros influenciou e sistematizou saberes produzidos pela comunidade negra. De acordo com Boaventura dos Santos (1994), o movimento negro enquanto movimento social, pode ser compreendido através de uma concepção mais ampla. Para o autor, trata-se de um conjunto de ações de mobilização política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos, de qualquer tempo, fundadas e promovidas pelos negros no Brasil como forma de libertação e de enfrentamento do racismo. Entre elas encontram-se: entidades religiosas (como as comunidades-terreiro), assistenciais (como as confrarias coloniais), recreativas (como "clubes de negros"), artísticas (como os inúmeros grupos de dança,

capoeira, teatro, poesia), culturais (como os diversos "centros de pesquisa") e políticas (como as diversas organizações do movimento negro e ONGs que visam à promoção da igualdade étnico-racial) (GOMES, 2019).

Durante o governo Lula (2003-2010), o debate público sobre a questão racial não apenas se expande como se complexifica politicamente. Nesse governo, militantes do movimento negro passam a ocupar cargos em órgãos governamentais e a ter voz ativa na formulação e gestão de políticas públicas. Por essa razão, a ascensão do poder, impõe-se um ritmo mais acelerado a um amplo conjunto de mudanças no panorama de relações raciais brasileiras que nos governos anteriores não acontecia.

O maior avanço político do governo petista em relação à população negra, pode ser observado na expansão nas políticas de ação afirmativa de acesso ao ensino superior público. Apesar do tema ter sido inicialmente discutido pelo governo anterior, viraram centrais no governo Lula.

No que tange a contemporaneidade, enxergo o movimento formado pela festa BATEKOO como uma espécie de revitalização do movimento negro, pelo fato de agregar novas pautas sem perder o foco na racialidade. Entretanto, são muitas as pautas que ainda necessitam de atenção, ainda mais após a eleição de Jair Bolsonaro, fato que ameaça os avanços conseguidos até o momento.

1.2.4 Homossexualidades e Africanidades

Existe uma série de perspectivas sobre questão homossexual na esfera teórica sobre africanidades, dentre elas a cunhada por um teórico americano tem sido bastante referenciada nos debates atuais. No fim dos anos de 1970, Molefi Kete Asante começou a falar sobre a necessidade de uma orientação afrocêntrica no que concerne à produção de conhecimento, informação e pensamento. Em 1980, ele publicou o livro “Afrocentricidade: a teoria da mudança social”, que promoveu pela primeira vez um debate detalhado do conceito. O *afrocentrismo,* portanto, se apresenta como corrente que prevê a discordância com teorias que, tendo como base a perspectiva hegeliana[10],

[10] “Entre os negros, a consciência ainda não atingiu a noção de uma objetividade sólida, por exemplo Deus, a lei, em que o homem teria a percepção de sua essência (…) a partir do qual resulta que o conhecimento de um ser absoluto está totalmente ausente. O negro representa o homem natural em toda a sua falta de repressão”. DIENG, Amady-Aly. *Hegel et l’Afrique noire. Hegel était-il raciste?* Dakar, CODESRIA, 2006, p.90.

relegam o conhecimento africano a um plano secundário, ou mesmo a um último plano na hierarquia do conhecimento, em benefício do conhecimento europeu. Tal vertente defende, pois, que as culturas e os povos africanos devem ser vistos não como objetos das ciências históricas, mas como sujeitos e agentes da própria história. Portanto, representa a tentativa de construir um paradigma distinto ao eurocentrismo, pautado em valores africanos, até se vislumbrar a possibilidade de uma organização humana "geral" (ASANTE, 2003).

O Afrocentrismo como corrente cultural tem um objetivo básico: a libertação do povo africano da opressão ocidental de uma forma geral. Porém, quando se trata de homossexualidade, essa premissa abre espaço para interpretações contraditórias, como foi anteriormente exposto. Neste sentido, o conceito opõe-se a qualquer tipo de tendência em relação à sexualidade que se afaste da heterossexual. Asante, inclusive, recusa os casos de pessoas homossexuais, mas que simultaneamente estabelecem relações heterossexuais e que são, neste caso, designadas de bissexuais (NETO, 2001). Já para Gabriele dos Anjos, por sua vez,

> o Afrocentrismo tem recusado também qualquer hipótese de diálogo com movimentos de homossexuais e de pensamento da perspectiva completamente negativa com que estes costumam ser representados, e da qual pretendem sair, propondo uma concepção que valorize e dignifique a diferença e ultrapassando o paradigma da inferiorização (DOS ANJOS, 2002).

Na elaboração do que chama de afrocentricidade, Asante chega a negar a dignidade aos homossexuais, excluindo-a de qualquer construção de identidade. Os argumentos que ele usa são de quatro tipos: o mais superficial diz respeito a uma antipatia geral para com a homossexualidade, de tipo subjetivo; o segundo argumento é de tipo histórico: a homossexualidade nunca fez parte das tradições africanas, sendo, portanto, fruto do colonialismo ocidental; o terceiro é de tipo "genético", ou seja, alicerçado no pressuposto de que o homem e a mulher pretos seriam diferentes, do ponto de vista sexual, de todos os outros grupos humanos; finalmente, o argumento mais forte, é o de tipo identitário: os africanos devem possuir uma "identidade unívoca" a qualquer outra de natureza diferente.

As distintas particularidades de culturas dos países africanos tendem, atualmente, a um posicionamento não inclusivo face à homossexualidade. No continente africano, um conjunto de valores "tradicionais" e religiosos inferiorizam e põem em risco a vida dos homossexuais. Há países em que a homossexualidade é penalizada com a pena de morte, como acontece na Nigéria desde 2014, ano da promulgação legislativa (morte por lapidação ou, nos casos menos graves, 100

chicotadas ou entre 4 e 14 anos de prisão) e no Sudão. Em outros casos, está prevista a prisão perpétua (Serra Leoa, Uganda) ou uma pena de muitos anos de detenção (Zâmbia, Tanzânia, Quênia, Malawi, Gibuti, Gâmbia), enquanto apenas na África do Sul o matrimônio homossexual é legalmente permitido.

Na série britânica da Netflix, "*Sex education*", o personagem Eric Kwabena Effiong é interpretado pelo ator Ncuti Gatwa. Um jovem negro gay de origem ganesa que passa por incômodos ao tentar renegar sua sexualidade ao visitar a família para comparecer num casamento no país Africano, já que a homossexualidade é tratada como um crime nesse território. Porém, na celebração, ele conhece um fotógrafo que também é gay e descobre como a militância e manifestação dos desejos também ocorre de maneira não explícita. A escritora Sibongile Ndashe trata dessa visão unitária sobre os direitos gays na África; ela diz que a história única, a homofobia africana, que vê apenas o lado nocivo, é perigosa para o ativismo LGBTQIAP+, pois torna mais fácil enfraquecer os processos locais simplesmente porque “eles não estão acontecendo”.

> Se sabe que existem pessoas LGBTI nas comunidades, mas não há discussão a ser feita. Há países onde houve movimentos que permaneceram estáticos, pois não foi possível expandir os círculos do ativismo. Há países onde o movimento foi capaz de se enraizar na sociedade civil. A afirmação “a África é um continente, não um país” se torna mais importante onde a história única continua a permear o ativismo LGBTI no continente, ou seja, a ideia de que o ativismo não existe, que somente existe homofobia. Outrxs comentadorxs criticaram com eloquência a história única que é contada sobre a relação da sociedade civil africana. Enquanto as declarações destes e de outros líderes políticos permaneceram firmemente em destaque, as vozes progressistas e outros desenvolvimentos positivos continuaram a serem apagados. (NDASHE, 2018)

No entanto, também existem visões menos conservadoras acerca da homossexualidade em África. Um exemplo disso é o povo Dagara, da África Ocidental, situado na região que compreende Burkina Fasso, Costa do Marfim, Gana e Togo (SOMÉ, 2007:15). Segundo Sobonfu Somé, mulher dagara que viveu nos Estados Unidos trabalhando de divulgação da cultura de seu povo,

> as palavras “gay” e “lésbica”, por exemplo, não existem na aldeia. Temos, sim, a palavra guardião. Os guardiões são pessoas que vivem no limite entre os dois mundos, o mundo da aldeia e o mundo do espírito. Apesar de não se casarem nesse mundo, dizem ter parceiros em outras dimensões. [...] Os “guardiões" estão na divisa entre os dois sexos e são mediadores entre os dois. Eles garantem que haja paz entre homens e mulheres. (SOMÉ, 2007. p.139)

O que se percebe no relato de Somé é que a orientação sexual sequer é uma questão para o povo dagara, carecendo, inclusive e por essa razão mesma, de

denominações classificatórias. O que importa é o trabalho espiritual e a função social (que na visão dagara são inseparáveis) de extrema importância que essas pessoas assumem.

Por outro lado, na experiência das religiões afro-brasileiras de diferentes linhas, como a umbanda e o candomblé, nota-se o grande número de pessoas adeptas e praticantes que se identificam como homossexuais e isto não parece configurar-se de maneira alguma como um problema, sendo, por vezes, o oposto. Nests sentido, pode-se dizer que a homossexualidade é vista como forma de relação afetiva e sexual, e não necessariamente como categoria de classificação das sexualidades.

Nota-se, ainda, como as questões de raça, sexo, gênero e sexualidade entrecruzam-se, uma vez que pensá-los isoladamente pode vir a fornecer abordagens um tanto limitadas. Essas esferas fazem parte de um mesmo projeto colonial moderno, inclusive dentro do que se entende como a própria “cultura ocidental” (com todas as ressalvas que podem existir em sua homogeneização).

Além disso, em um paralelo com o panorama africano contemporâneo, a elaboração do pensamento afrocêntrico em relação à homossexualidade enfrenta dificuldade para estabelecer uma cultura africana unívoca, já que a participação cívica e o tratamento em relação a homossexuais não são os mesmos em todos os países africanos (como na África do Sul, que se tornou o principal refúgio para homossexuais perseguidos no continente), mesmo havendo uma posição comum a alguns.

O psicólogo Lucas Veiga, em seu artigo “As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil”, relaciona a diáspora africana com a experiência da homossexualidade negra, apontando que as bixas pretas experimentam, duplamente, a sensação da diáspora. A primeira sendo a saída forçada de África no período escravocrata, o que afetou o processo subjetivo de grande parte da população negra presente no Brasil, causando uma sensação de inferioridade e baixa autoestima.

> No processo de desenvolvimento dos garotos negros está colocada, desde sempre, a possibilidade de afirmação e proteção de si pela via da submissão ao modo de vida do sequestrador, no caso, do homem-branco-heterossexual. A masculinidade ocidental que sustenta a lógica violenta do patriarcado é branca. Como não é possível a um homem negro deixar de ser negro, ele negocia a autopreservação e o amor do sequestrador, incorporando seus códigos morais e comportamentais, transformando-se num macho-beta. Isso porque, numa sociedade em que se defende, de inúmeras formas, a supremacia branca, o papel de macho-alfa pertence somente aos homens-brancos-heterossexuais que fundam e refundam *ad infinitum* esse sistema. (VEIGA, 2019)

Para Veiga, sob outra perspectiva, o sair do armário para um homem gay reintroduz na experiência subjetiva destes a sensação de diáspora, dado que a masculinidade compulsória dentre outras formas de normatividade, faz com que nos sintamos ainda mais vulneráveis e inseguros, pois além de sofrimento experienciado pelo âmbito racial, soma-se a introdução da homofobia.

1.3 Movimento LGBTQIAP+

Movimento LGBTQIAP+ é um movimento político e social que defende a diversidade e busca mais liberdade, representatividade e direitos para esse grupo de indivíduos. Em junho se comemora o mês da diversidade LGBTQIAP+ no mundo. Essa celebração acontece em homenagem à Revolta de Stonewall, que ocorreu no dia 28 de junho de 1969, num bar chamado Stonewall, em Nova York. MARSHA P. JOHSON, mulher trans e negra, foi uma das principais líderes dessa revolta, que hoje é tida como o marco inicial do movimento LGBTQIAP+. Cofundadora da Frente de Libertação Gay, lutou ativamente pelos direitos das pessoas com HIV e é considerada a "Rosa Parks"[11] do movimento LGBTQIAP+.



[11] Rosa Parks (1913-2005) foi uma ativista do movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. No dia 1 de dezembro de 1955, Rosa entrou para a história por se negar a ceder a um branco o seu assento em um ônibus em Montgomery, no Alabama. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/rosa_parks/>. Acesso: 3 ago. 2021.

Marsha P. Johson
Reprodução de internet

Nos EUA, relações entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas crime em todos estados até 1962. Gradativamente, essa lei foi saindo das legislações estaduais, porém, em Nova York, isso aconteceria nos anos 1980. E apenas em 2003 essa lei seria abolida de vez.

No Brasil, a luta do movimento LGBT foi fundamentada no final dos anos 70, começo dos 80, porém já existia uma efervescência homoafetiva acontecendo. O historiador James Green disserta em sua tese doutorado sobre a vida homossexual no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro do início do século XX, antes da construção do movimento LGBTQIAP+ no país e outros avanços. Por via de seu texto é possível ter uma noção da vivência de alguns indivíduos considerados desviantes, como lemos, abaixo, um trecho explicativo da época:

> uma subcultura homoerótica existia no Rio de Janeiro antes mesmo da invenção do termo homossexual e da importação de modelos médicos europeus que catalogavam as "patologias sexuais" e os comportamentos "desviantes". Na maior parte do século XX, o paradigma dominante de gênero que moldou essa subcultura organizava-se em torno de noções tradicionais de comportamento masculino e feminino. Contudo, é importante lembrar que a fluidez dos desejos e identidades sexuais e das práticas eróticas transgredia as normas que definiam a homossexualidade com base no binômio ativo/passivo, amplamente atribuído embora de forma errônea ao comportamento homoerótico anterior aos anos 60 e aos movimentos gays de liberação. Muito antes que o termo caísse no uso geral nos 80, significando práticas sexuais entre dois homens que não se identificava com a construção bicha/homem "verdadeiro", as pessoas estavam construindo "gays". Múltiplos sistemas sexuais coexistiram e interagiram ao longo da maior parte do século, e os historiadores deveriam acautelar-se quando relacionam um suposto modelo mais igualitário de atividade homoerótica como um processo. (GREEN, 2019, p.464)

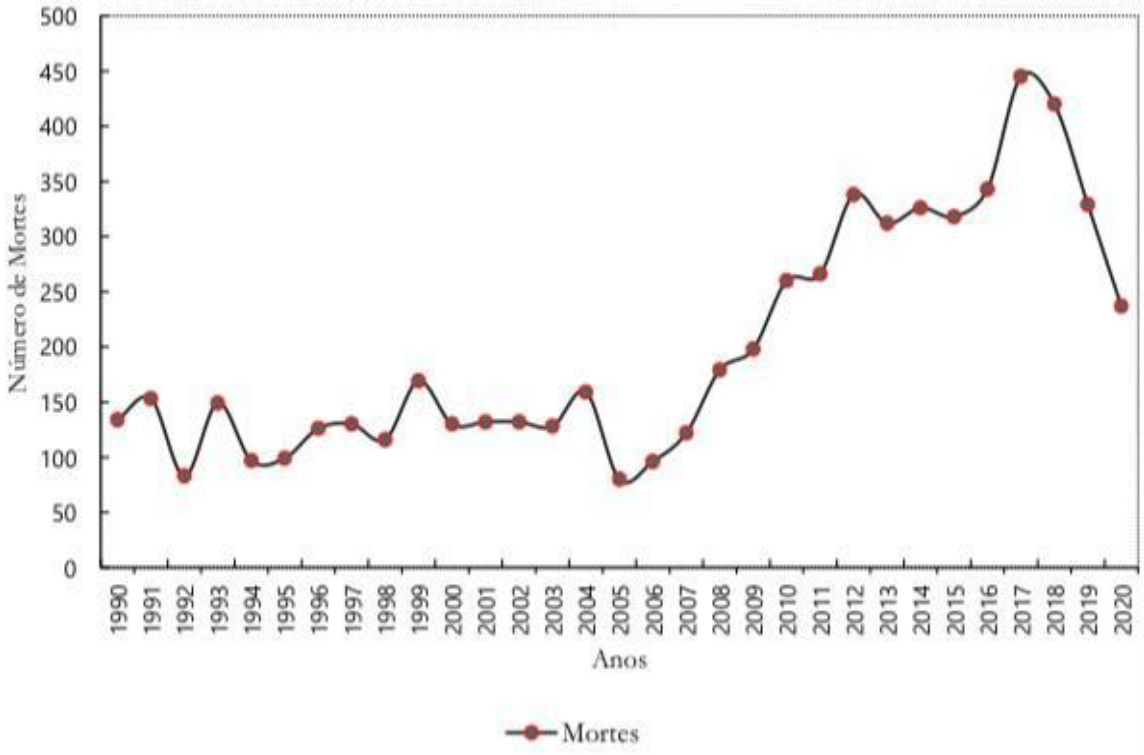
O movimento homossexual no Brasil, se oficializou quase 10 anos após o marco histórico de Stonewall, por meio de publicações alternativas LGBT’s que foram elementares na construção e desenvolvimento. Entre elas, duas se destacam: os jornais “Lampião da Esquina*”* e “ChanacomChana”. Outro marco importante que a historiografia consolida como o nascimento da militância homossexual no país foi a criação do grupo Somos – Grupo de Afirmação Homossexual, em 1978.

Como um exemplo de história que precisa ser narrada, é importante destacar que, no Brasil, o movimento em defesa dos direitos LGBT eclodiu como um ato de resistência em plena ditadura militar, marcada pela repressão e por ideais conservadores (GREEN, 2014).

Em 2006, a Organização das Nações Unidas desenvolveu um documento intitulado Princípios de Yogyakarta sobre a aplicação do direito internacional de direitos humanos às questões de orientação sexual e identidade de gênero. Existem outros grupos e instituições no Brasil que lutam pela população LGBTQIAP+ e por outras questões interseccionais a essa temática, dentre eles destaco o “Grupo Gay da Bahia”**,** sendo a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil. Fundado em 1980, registrou-se como sociedade civil sem fins lucrativos em 1983, sendo declarado de utilidade pública municipal em 1987. É membro da ILGA, LLEGO, e da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT).

O GGB é uma entidade que tem vários focos de atuação, oferecendo espaço para outras entidades da sociedade civil que trabalham em áreas similares, especialmente no combate a homofobia e prevenção do HIV e aids entre a comunidade e a população geral. Ele também tem sido citado em grandes publicações, pois é responsável por elaborar um triste relatório anual, no qual são informados os crimes anuais que vitimam a comunidade LGBTQIAP+ brasileira.

Gráfico - Número de mortes de LGBTI+ por ano 1990 a 2020



Fonte e Organização: Acontece LGBTI+; Grupo Gay da Bahia, 2021.

Em 2020, 237 pessoas tiveram morte violenta relacionada à sua orientação sexual ou identidade de gênero. Os dados levantados informam que ocorreram 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%) de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Pela primeira vez, desde 1980, as travestis ultrapassaram os gays em número de mortes: 161 travestis e trans (70%), 51 gays (22%) 10 lésbicas (5%), 3 homens trans (1%) e 3 bissexuais (1%), além de 2 heterossexuais confundidos com gays (0,4%).

Outra instituição muito ativa nessa luta é o “Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT”, uma organização não-governamental, fundada em 21 de maio de 1993. Nestes 28 anos de atuação, mantém sua sede com funcionamento regular na cidade do Rio de Janeiro. Seu enfoque é na cidadania, promoção dos direitos humanos e de uma cultura de paz. Em 2012, recebeu da Presidência da República o “Prêmio Direitos Humanos”, como reconhecimento de sua atuação em prol dos Direitos Humanos de LGBTQIAP+.

Embora inicialmente o governo federal tenha proposto um amplo conjunto de políticas para ambas as coletividades, acabou progressivamente silenciando-se em relação aos grupos LGBTQIAP’s. Isso ocorreu, em grande medida, por conta das frágeis alianças estabelecidas entre lideranças. O governo da presidente Dilma promoveu algumas medidas bastante conservadoras como o veto ao kit anti-homofobia, o fortalecimento dos discursos religiosos no âmbito político e a não aprovação do PLC 122 e do pacto de união civil, são os exemplos mais visíveis. O fato de o Brasil ainda ser o maior país católico no mundo influencia fortemente nas pautas políticas que os governos tomam na busca de agradar o maior número de possíveis eleitores.

1.3.1 Criminalização e patologização da homossexualidade

Em 1980, a OMS (Organização Mundial da Saúde) removia a homossexualidade da lista de doenças, uma escolha tardia que não acabou com o preconceito e a discriminação, no entanto, foi um marco relevante para uma maior compreensão sobre as diferentes orientações sexuais, que não precisam ser curadas. Embora alguns grupos religiosos e de psicólogos ainda vendam a visão de que a homossexualidade é um pecado/patologia com o intuito de fortalecerem suas próprias ideologias.

Um estudo divulgado em 2019, pela ILGA (Associação Internacional de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexuais) analisou a legislação de 193 países e mostrou que, em 71 deles, a prática homossexual é crime. Entre os países com as

leis mais retrogradas sobre a homossexualidade estão a Arábia Saudita, Iêmen, Nigéria, Sudão, Somália e Brunei. Além da possibilidade de ser preso, em alguns países pode levar à pena de morte, até por apedrejamento público.

A maior parte das pessoas LGBTQIAP's geralmente não crescem sendo elas mesmas, crescem sacrificando e limitando suas espontaneidades para minimizar humilhações e preconceitos; nosso maior desafio na vida adulta é escolhermos qual parte de nós é a que somos de verdade e qual criamos para nos protegermos do mundo

O Brasil é o país com a maior parada do orgulho LGBTQIAP+ do mundo, na cidade de São Paulo, e ao mesmo tempo é a nação que mais mata LGBTQIAP+ e, tristemente, elegeu um LGBTfóbico, racista e misógino assumido para ocupar a presidência da república. Muito se diz que datas como essas são criadas para fazer lembrar e refletir. Refletir sobre a violência perpetrada contra LGBTQIAP's e lembrar daqueles que vieram antes dessa geração, que suaram, lutaram e morreram para que tivessem melhores condições de vida, e para que seus direitos (e existências) fossem reconhecidos.

1.3.2- A construção da sigla LGBTQIAP+

O debate sobre condição gay e lesbianismo, usualmente referida como homossexualidade, está polarizado principalmente entre dois discursos concorrentes que são, em grande parte, de origem colonial. Nos anos noventa, a sigla GLS era comumente utilizada para denominar o que hoje chamamos de LGBTQIAP+. A sigla GLS que designava Gays, Lésbicas e Simpatizantes possuía como objetivo inicial uma vertente puramente mercadológica, entretanto, o termo passou a ser adotado pela sociedade brasileira de uma maneira mais ampla. Posteriormente, a abreviatura se modificou para GLBT, no entanto, as letras "L" e "G" foram realocadas para valorizar e dar mais visibilidade às lésbicas no que tange diversidade sexual, visto que os homens gays já possuem uma série de privilégios em relação aos outros membros da comunidade, entretanto, todos formam a política queer.

Como explica Miskolci (2010, p.10-11), um estudioso da Teoria Queer no Brasil:

> [...] a proposta política queer não aponta para nenhuma divisão, antes é um apelo unificador à experiência comum de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e outr@s, ou seja, a experiência da vergonha. Ser chamado, leia-se, ser xingado de bicha, gay, sapatão, travesti, anormal ou degenerad@ é a experiência fundadora da descoberta da homossexualidade ou do que nossa

> sociedade ainda atribui a ela, o espaço da humilhação e do sofrimento. Transformar esta experiência em força política de resistência é o objetivo da proposta original queer. (MISKOLCI, 2010, p.10-11)

A ressignificação dos nomes vistos como ofensivos por grande parte das pessoas e a politização dos nomes já aceitos, porém esvaziados de significados são ações que interferem fortemente no cotidiano da sociedade, pois a exclusão e os preconceitos são diariamente alimentados pela linguagem que usamos. Os significados das letras que formam a sigla atual que define a comunidade LGBTQIAP+ serão explicados abaixo, baseados no Manual de Comunicação LGBTI+, elaborado pela organização Aliança Nacional LGBTI+ e que segue sendo atualizado periodicamente.

Seguem as definições:

L = Lésbicas: São mulheres que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outras mulheres.

G = Gays : São homens que sentem atração afetiva/sexual pelo mesmo gênero, ou seja, outros homens.

B = Bissexuais: Relaciona-se aos homens e mulheres que sentem atração afetivo/sexual pelos gêneros masculino e feminino.

T = Transexuais, Transgêneros, Travestis: Diferentemente das letras anteriores, o T não se refere a uma orientação sexual, mas a identidades de gênero. Também chamadas de “pessoas trans”, elas podem ser transgênero (homem ou mulher), travesti (identidade feminina) ou pessoa não-binária, que se compreende além da divisão “homem e mulher”.

Q = Queer: Pessoas com o gênero “Queer” são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das drag queens. A teoria queer defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social.

I = Intersexo: A pessoa intersexo está entre o feminino e o masculino. As suas combinações biológicas e desenvolvimento corporal – cromossomos, genitais, hormônios, etc – não se enquadram na norma binária (masculino ou feminino).

A = Assexual: Assexuais não sentem atração sexual por outras pessoas, independente do gênero. Existem diferentes níveis de assexualidade e é comum essas pessoas não verem as relações sexuais humanas como prioridade.

P = Pansexualidade: É uma orientação sexual em que as pessoas desenvolvem atração física, amor e desejo sexual por outras pessoas independentemente de sua identidade de gênero.

+ : O símbolo de “mais” no final da sigla aparece para incluir outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cis-heteronormativo, mas que não aparecem em destaque antes do símbolo.

Em meados da década de 1980, nos Estados Unidos, novos estudos sobre gênero e sexualidades dissidentes surgiram e foram denominados como Teoria Queer. Estreitamente influenciada pelo trabalho iniciado por Michel Foucault, aliados aos frutos das discussões provocadas pelo feminismo, pelo pós-estruturalismo, pelos estudos culturais, por mobilizações étnico-raciais, pelo movimento LGBTQIAP+. Butler (2006) afirma que o maior risco para as pessoas que desafiam os sistemas reguladores do "cistema[12]":

> Reagir à opressão requer que entendamos que as vidas são apoiadas e mantidas diferencialmente, que há formas radicalmente diferentes de distribuição da vulnerabilidade física humana pelo mundo. Certas vidas são altamente protegidas e a violação de suas existências são suficientes para mobilizar as forças da guerra. Por outro lado, outras vidas não receberão apoio tão rápido e tempestuoso e não serão sequer qualificáveis como “lutáveis”. (BUTLER, 2006, p.35)

Apesar da sigla se tornar cada vez mais complexa, provavelmente ela deverá crescer ainda mais, vejo que cada letra possui uma extrema importância, não só no que tange a visibilidade na sociedade como também na autoestima de cada pessoa considerada dissidente sexual que quase sempre se sentiu num não-lugar.

---

12 (**Cis**tema: uma corruptela de ‘sistema’, com a intenção de denunciar a existência de **cis**sexismo e transfobia no sistema social e institucional dominante)

Outro debate tem vindo à tona na atualidade quando nos referimos a questão de gênero. A autopercepção da construção de identidade de gênero fluida nos padrões normativos. A sociedade atual continua a propagar a ideia de que os órgãos definem se um indivíduo é “mulher” ou “homem”. Apesar de ser uma temática relativamente recente nos trabalhos acadêmicos, tem sido muito comum entre os jovens da geração Z. Porém, a construção desses gêneros e vários outros é influenciada tanto por aspectos biológicos como aspectos sociais.

Se faz necessário explicar que o termo “gênero” se diferencia tanto do conceito de sexo, quanto o de orientação sexual, sendo considerados realidades completamente diferentes. A esse respeito, Scott (1995) declara:

> Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termo recíprocos e não poderia se compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995, p.72).

A juventude tem mostrado para sociedade em geral novas formas de se relacionar com as sexualidades e as múltiplas identidades de gênero, o que será melhor explanado no próximo capítulo desta dissertação.

2. Juventudes

O estudo sobre juventudes, apesar de ser um campo relativamente recente, possui uma gama de autores e teorias distintas que vão além do limite biológico de idade ou fator social, no caso, introduzindo a perspectiva racial das culturas juvenis. Segundo Dayrell (2003, p.41), a juventude não se reduz a um momento de transição, a um tempo e de expressão de comportamentos exóticos e nem tampouco se restringe a uma frase de crise dominada por conflitos com autoestima e/ou personalidade. José Machado Pais (1990), grande pesquisador no campo das juventudes, descreve duas tendências que a sociologia tem feito uso quando se trata de campo juvenil, são elas:

A primeira, reconhece que a juventude é formada como um conjunto social cujo o principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes uniformes e homogêneos que caracterizam essa parte da vida. Fortemente baseada em aspectos ligados a assuntos etários. Já a segunda, coloca a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, perfilando-se diferentes culturas juvenis em função de diferentes potências de classe, diferentes situações econômicas, diferentes parcelas de poder, diferentes interesses. Ele afirma que seria um abuso de linguagem querer definir toda a complexidade das juventudes em apenas um signo, no caso a palavra juventude.

Faço uso da perspectiva ligada à segunda tendência, pois não observo o fenômeno juvenil como algo plano e sem diferentes nuances, concomitantemente, percebo as culturas juvenis como uma forma de resistência à cultura da classe dominante. Para muitos, a juventude acaba na chegada aos 30 anos, em alternativa, existem outras percepções e teorias sobre o tema, dentre eles a questão geracional e das moratórias estão presentes.

2.1 Juventudes e questões étnico-raciais

Ao se tratar da juventude negra, outras questões relacionadas ao racismo são diretamente vinculadas às vivências deste grupo pela sociedade, como a vulnerabilidade social, situações de violência, evasão escolar, falta de autoestima, desemprego, dentre outras. No país, é impossível negar o duplo preconceito a que negros(as) LGBTQIAP+ são submetidos(as), lutando todos os dias para sobreviver frente ao racismo e preconceito, devido a sua orientação sexual. De modo que,

enquanto os jovens gays brancos lutam por matrimônio e igualdade, a realidade para a imensa maioria dos negros gays é lutar para continuar a viver.

As escolas são lugares muito importantes na formação dos jovens em geral, tanto no que tange a parte educacional quanto na construção de identidade. Nesse último quesito, elas podem afetar tanto de forma positiva, quanto o contrário. No que está relacionado a juventude negra LGBTQIAP+, além das dificuldades enfrentadas no acesso e permanência – que contribui para que negros e negras se mantenham em desvantagem nos diferentes aspectos de suas vidas –, esses espaços costumam ser a porta de entradas dos bullyings e preconceitos que se tornam recorrentes durante a adolescência e no restante da vida. Uma escola pouco sensível ao diferente segrega, nas suas relações cotidianas, os jovens que não se enquadram ao seu modelo idealizado.

Tais visões racistas vivenciadas principalmente pela juventude negra, que está em pleno processo de construção identitária, dificulta a elaboração de suas subjetividades num espaço livre de julgamentos. Também existe uma relação que teóricos chamam de tensão e regulação nos processos despertados pelas questões sexuais, Foucault interpreta da seguinte forma:

> sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1999, p.100)

2.1.1 Intersecções entre homofobia e racismo

As relações de poder são naturalmente afetadas no país que foi o último a abolir a escravidão no ocidente e por seguidos anos tem as maiores taxas de crimes provocados por homotransfobia no planeta. Desta maneira, os jovens gays e negros encaram essa interseccionalidade opressiva. O racismo e a homofobia impactam suas trajetórias em múltiplas perspectivas, o impacto estético é muito forte nesse grupo não apenas pela identidade, como também na intenção de obtenção de prestígio financeiro, pois fazem parte de dois recortes nos quais a questão social tem grande peso simbólico, inferindo em suas vivências plenas, como pode ser lido a seguir:

> A categoria “gay” se dissemina no Brasil a partir da década 70, no século XX. Originária do inglês norte-americano, quer dizer alegre, feliz e supõe uma identidade social que se coadune com essa ideia. Essa identidade prevê uma relação sexual e afetiva igualitária entre os parceiros, a ideia do casal feliz, bem ajustado socialmente, tal como os modernos casais heterossexuais. Tende a condenar ou vê com maus olhos o sexo promíscuo ou o sexo perigoso com prostitutos e pessoas de classe, raça e etnia inferiorizadas. Além disso, é ordenada por hábitos de consumo de bens materiais e simbólicos que nem sempre estão disponíveis àqueles que, em virtude da posição de classe, raça, faixa etária ou origem étnica, são excluídos do consumo. (LIMA & CERQUEIRA, 2007)

Patricia Hill Collins afirma que o estereótipo não só reflete ou representa a realidade, mas funciona para mascarar as relações sociais objetivas, fazendo que racismo pareça algo natural e parte inevitável da vida cotidiana. (COLLINS, 2000, p.69). Essa particularidade explica por que é comum pessoas negras ouvirem de outras, em especial mais velhas, que elas devem se esforçar em dose dupla para se tornarem destaques em suas respectivas áreas de atividades. Hooks explicita seu olhar sobre o tema no trecho a seguir:

> Homens negros são vistos como incapazes para articular totalmente e reconhecer a dor das suas vidas. Eles não têm um discurso público nem audiência na sociedade racista que lhes permitam dar voz a sua dor. Infelizmente, os homens negros muitas vezes evocam uma retórica racista que identifica o homem negro como um animal, falando de si mesmos como “espécies em vias de extinção”, como “primitivos”, em sua tentativa de obter o reconhecimento do seu sofrimento […] Quando os jovens negros adquirem uma poderosa voz e presença pública via produção cultural, como já aconteceu com a explosão da música rap, isso não significa que tenham um veículo que lhes permita articular essa dor. (hooks, 1992, p. 35)

A reprodução dessa concepção é promovida até os dias de hoje, o que interfere na compreensão das relações étnico-raciais no Brasil no momento presente. No que tange à juventude negra, a tarefa é ainda mais complexa, pois se fazem presentes múltiplas construções identitárias que são estruturadas em diferentes campos nos quais existem grandes discordâncias de discursos que são fortemente estigmatizados em relação à cultura, existência social, sexualidade, subjetividade, dentre outros. Vejo o processo constitutivo da identidade como um processo especialmente político, não inerente ao ato de existir, indo de encontro com uma visão do movimento existencialista sintetizada na expressão cunhada por Jean Paul Sartre (1946): "A existência precede a essência".

2.1.3 Geração Tombamento

Dentre as possíveis noções sobre juventudes negras, escolho focar num grupo específico que se destaca na contemporaneidade. Nos meados da segunda década do século XXI, originou-se uma nova onda de debates a respeito da estética e empoderamento da juventude negra no Brasil. Esse interesse se intensificou a partir do fenômeno conhecido como “geração tombamento”, que reflete um momento que as pessoas negras, geralmente jovens, passam a reconhecer sua negritude por intermédio do uso de *black powers*, tranças, roupas étnicas, entre outros estilos, visando combater o racismo por meio de ações estéticas, culturais e artísticas, assumindo que tais ações são políticas. A música tem tido um papel fundamental nesse processo, seja na identificação com os artistas, interesse nos ritmos ou mesmo pelo apelo inserido nas letras. Artistas como Beyoncé, Michael Jackson, Rihanna, dentre outros, se tornaram ícones de representação e identificação de jovens negros ao redor do mundo. Já no Brasil, a cantora Karol Conka vem se firmando como um expoente retrato representativo de um grupo de jovens negros que são conhecidos como "geração tombamento", tanto que esse nome foi dado a partir de uma canção da cantora denominada "Tombei"[13]. Segundo a iyalorixá, pesquisadora e escritora Winnie Bueno, geração tombamento pode ser compreendido como:

> Um conjunto de pessoas negras, na maioria jovens, que se auto define e estabelece uma outra narrativa sobre si, uma que nega o conteúdo controlador estabelecido pela branquitude. Surge de uma necessidade de promoção de cultura e lazer, produzida por pessoas negras para pessoas negras, o que por si só já é altamente político e emancipatório. A geração tombamento, e seus códigos estão localizados em um espaço de subversão. Rompe com a localização que o branco faz do negro, dos seus corpos, das suas ações. Logo, bancar uma estética negra em um mundo em que corpos negros estão sempre

[13] Baguncei a divisão, esparramei/ Peguei sua opinião, um, dois, pisei/ Se der palpitação, não dá nada, conta até três/ Negrita de Lacaia Carla que samba no bass/ Se quiser conferir, vem cá, pra ver se aguenta/ Miro muito bem, enquanto você tenta/ Enquanto mamacita fala, vagabundo senta/ Mamacita fala, vagabundo senta/ Depois que o alarme tocar/ Não adianta fugir/ Vai ter que se misturar/ Ou, se bater de frente, periga cair/Já que é pra tombar/ Tombei/ Bang bang/ Já que é pra tombar/ Tombei/ Bang bang/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Bau, /Tombar, tombei/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Tombar, tombei/ Se é pra entender o recado/ Então, bota esse som no talo/ Mas vem sem cantar de galo/ Que eu não vou admitir/ Faça o que eu falo/ E se tiver tão complicado/ É porque não tá preparado/ Se retire, pode ir/ Causando um tombamento, oh/ Também tô carregada de argumento, oh /Seu discurso não convence, só lamento, oh/ Segura a onda, se não ficará ao relento, oh/ Depois que o alarme tocar/ Não adianta fugir/ Vai ter que se misturar/ Ou, se bater de frente, periga cair/ Já que é pra tombar/ Tombei/ Bang bang/ Já que é pra tombar/ Tombei/ Bang bang/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Tombar, tombei/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/Bau, bau, bauê/ Tombar, tombei/ Já falei que é no meu tempo/ As minhas regras vão te causar um efeito/ É quando eu quero, se conforma, é desse jeito/ Se quer falar comigo então fala direito, fala direito/ É no meu tempo/ As minhas regras vão te causar um efeito/É quando eu quero, se conforma, é desse jeito/ Se quer falar comigo então fala direito, fala direito/ Depois que o alarme tocar/ Não adianta fugir/ Vai ter que se misturar/ Ou, se bater de frente, periga cair/ Já que é pra tombar/ Tombei/ Bang bang/ Já que é pra tombar/ Tombei/ Bang bang/Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Tombar, tombei/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Bau, bau, bauê/ Tombar, tombei. Fonte: Musixmatch. Compositores: Karoline Dos Santos De Oliveira/ Laudz/ Zegon (tropikillaz). Letra de Tombei © *Bmg Gold Songs*.

> no lugar de subordinação é uma transgressão extremamente potente. (BUENO, 2017)



Cantora e rapper Karol Conka, expoente da estética da geração tombamento.
Fonte: Reprodução da internet. Disponível em: <https://afropunk.com/pt-br/2019/11/interview-tombei-brazilian-singer-karol-conka-sings-about-womens-empowerment>

A Geração Tombamento é potente e já conquistou muita visibilidade com sua trajetória fortemente apoiada através da estética. Eles procuram chamar atenção para si, buscando conhecer e fazer uso de seus traços culturais ancestrais na militância. Dessa forma, seu estilo também os conecta a uma rede de elos e fortalece o movimento. A partir dessa união, eles podem trocar experiências e informações, a fim de passar o empoderamento de uns para os outros. Sua aparição nas mídias, como revistas de moda, serve para retomar a autoestima coletiva, instigando para o fim da segregação do seu povo. Essa representatividade é fundamental para que os negros cresçam sabendo que podem chegar aonde quiserem, sem esbarrar em barreiras de cunho racista (LEITE, 2017). Hall afirma que as práticas de representação de identidade implicam em posições de enunciação. O sujeito que fala e o sujeito de quem se fala não correspondem ao mesmo ser, nunca estão exatamente no mesmo lugar. Em outros termos:

> A identidade não é tão transparente ou tão sem problemas como nós pensamos. Ao invés de tomar a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez, como uma “produção” que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externamente à representação. Esta visão problematiza a própria autoridade e a autenticidade que a expressão “identidade cultural” reivindica como suas. (HALL, 1996, p.68)

Desta maneira, se faz necessária a noção que a posição de enunciação é assumida quando se atribui uma identidade negra a todas as distintas combinações de

subjetividades vindas de pessoas pretas. Se não, esta identidade pode parecer um tanto essencializada e reduzida. Outro fato midiático importante para o empoderamento negro aconteceu em 2014, ano do lançamento da festa BATEKOO, o filme "12 anos de escravidão" ganhava o Oscar de melhor filme, mostrando de Hollywood para o mundo as dificuldades que os negros escravizados sofriam no passado. Apesar da escravidão ter sido abolida em 1888 no Brasil, muitas adversidades ainda persistem na contemporaneidade. No mesmo ano, a atriz Lupita Nyong'o, uma das estrelas do filme, ganhadora do Oscar de melhor atriz coadjuvante, foi eleita a pessoa mais bonita do mundo pela revista americana People. Esse fato estimulou um olhar mais amplo sobre beleza na juventude negra no mundo inteiro, inclusive a brasileira.



Capa da edição da revista americana People de abril de 2014.
Disponível em: <https://people.com/celebrity/peoples-most-beautiful-2014-lupita-nyongo/>

Essa ação política de emancipação dos padrões de beleza estabelecidos pela branquitude foi iniciada pelo movimento *Black is beautiful* (em português, Negro é lindo) nos Estados Unidos da América, na década de 1960, tendo grande impacto no empoderamento estético e cultural negro na época. Mais tarde, sua influência espalhou-se para uma série de diásporas africanas, como o Brasil dentre outros.

A geração tombamento representa um recorte crescente na juventude negra, fazendo parte da geração Y (ou *millennials*), sendo caracterizada por meio de sua

intensa politização e estilo. Entretanto, grande parte do empoderamento negro que os mesmos possuem, se faz mais comum nos grandes centros urbanos em decorrência do maior acesso à informação, mídia e cultura em geral. Mas a valorização estética e a conquista das mídias devem ser apenas o começo, pois o fim desejado vai além da moda.

> Os representantes dessa geração transgridem os padrões estéticos brancos e assumem sua identidade racial. Há, então, o resgate de tradições de vestuário, mixado com tendências contemporâneas. No afrofuturismo eles encontram o equilíbrio entre o resgate das suas origens e o anseio pelo futuro, no qual não serão mais oprimidos. Diversos criadores, da moda ao audiovisual, estão explorando esse estilo em voga na Bahia. Há a inspiração na vestimenta usada nos terreiros de Candomblé e Umbanda, como os abadás, alakás, kaftas, batas, saias, vestidos e panos da costa. As roupas brancas simbolizam seu deus maior, Oxalá. Tecidos leves e fluidos como o algodão e o linho, com babados, rendas e bordados do artesanato nordestino, resgatam a imagem tradicional da baiana. Peças estampadas ilustram os Orixás, o povo negro, padronagens gráficas africanas. (LEITE, 2017. p 4)

A valorização por via da estética e a conquista das mídias devem ser apenas o começo, pois o objetivo deles vai além das tendências de moda. No entanto, existem aspectos comuns na vida de toda juventude negra, visto que todos, de alguma maneira, já sofreram algum efeito do racismo na sociedade brasileira. Juventude negra em sua maioria periférica que aprendeu a ter orgulho de ser negro e da periferia numa postura afirmativa e realista. Marina Silva, uma jovem entrevistada para pesquisa respondeu que sua concepção sobre ser jovem e negra no Brasil,

> é lidar o tempo inteiro com questões históricas e opressoras que afligem nossos corpos. É carregar uma ancestralidade riquíssima que, na maioria das vezes, é esquecida por conta da colonização constante. É lutar para recuperar o que nos foi tirado. É lutar pela nossa memória e reconstrução dela. É querer viver em liberdade, mas sempre experienciar circunstâncias que te embarreiram simplesmente por ser preto. E, independente de onde estiver ou quanto dinheiro tiver, o racismo está aí pronto para derrubar mais corpos pretos. É viver em alerta e atenção.

Na idade média, os limites da juventude eram objetos de manipulação por parte dos detentores do patrimônio, cujo objetivo era manter em estado de juventude, o de irresponsabilidade dos jovens nobres que poderiam pretender a sucessão (BOURDIEU, 1983). Esse privilégio era dado a poucos, certamente a juventude contemporânea negra não estaria encaixada em tais limites. Mario Margulis e Marcelo Urresti no texto *"La juventud es más que una palabra"*, entendem a juventude como uma experiência constituída pela cultura e tem uma base material vinculada com a idade, mas a idade baseada num campo histórico, cultural dentre outros tópicos. Para eles, existe uma condição de privilégio pela qual diferentes grupos de jovens possuem diferentes

possibilidades de ascensão e vivência plena de suas juventudes, o que classificam como moratória social e moratória vital. Em relação à moratória social, os autores definem como:

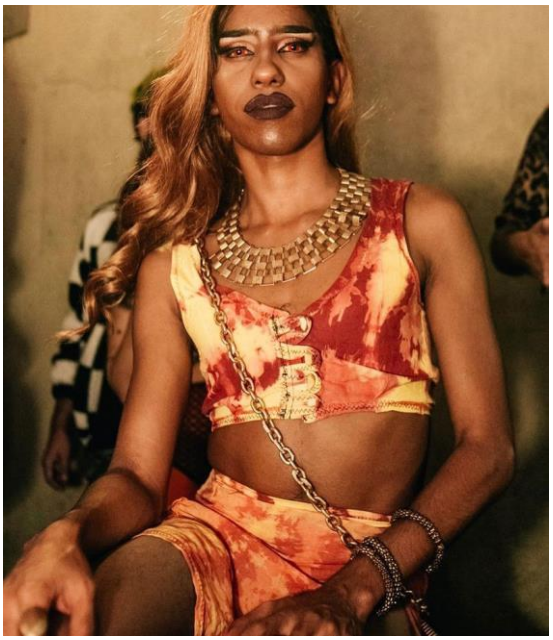
> uma condição que jovens de classes média e alta possuem. Geralmente, oportunidade de estudar, adiar sua entrada nas responsabilidades de idade adulta: casam-se e têm filhos mais tarde, gozam de um período de menor demanda, de um contexto social protetor que possibilita a emissão, por períodos mais longos, dos sinais sociais do que é geralmente chamado de juventude. Tais sinais tendem - em nosso tempo - a estetizar, constituir um conjunto de características relacionadas ao corpo, com roupas, com o arranjo, e geralmente são apresentados à sociedade como um paradigma de tudo o que é desejável. É essa simbolização da juventude, suas condições externas, que podem ser transformadas em produtos ou no objeto de uma estética, e o que pode ser adquirido pelos adultos para estender no tempo sua capacidade de carga do sinal "juventude". O sinal da juventude é transformado em mercadoria, é comprado e é vendido, intervém no mercado do desejo como veículo de distinção e legitimidade (….) Moratória vital seria um conceito complementar de "moratória social". Nesse sentido é que a juventude pode se pensar como um período da vida em que está na posição de excedente temporal, de um crédito ou plus, como se fosse algo que foi preso, algo que tem demais o que pode dispor, que nos não-jovens é mais reduzido, gastos e encerrados antes, irreversivelmente, por esforços que façam para evitá-lo. Dessa forma, terá mais possibilidades de ser jovem todo aquele que possua esse capital temporal como condição geral (deixando de lado, nesse momento, condições de classe e gênero.). (MARGULLIS, URRESTI,1996, p.5)

Esses conceitos caem como uma luva para a realidade brasileira no campo das juventudes, em especial na juventude LGBTQIAP+, uma vez que pertencem a um dos grupos que mais sofrem opressão e violência no país. De acordo com site da ONG mundialmente conhecida, Anistia Internacional, o Brasil no ano de 2018 foi o país “campeão” de assassinatos no mundo em números absolutos, com mais de 58 mil pessoas. A maioria desses homicídios foram cometidos contra jovens entre 15 e 29 anos, porém o dado mais chocante é o fato que 77% desses jovens eram negros. Um verdadeiro genocídio da população negra brasileira. Isso quando apenas citamos a questão da negritude, ao associar a pauta LGBTQIAP+ que, no Brasil, vem ganhando importância e sendo mais citada, tanto no meio acadêmico quanto na sociedade civil, a realidade da comunidade LGBTQIAP+ no Brasil está longe de ser perfeita. Isso pode ser notado, principalmente, pelos dados sobre a violência que esse grupo enfrenta como uma consequência da LGBTfobia. No dia 17 de maio é comemorado o Dia Internacional contra a Homofobia, entretanto, o país possui os maiores números de crimes de ódio em relação às dissidências sexuais. Os jovens negros LGBTQIAP’s são obrigados a se preocupar duplamente pelo simples fato de expressarem suas próprias verdades. A

seguir, imagens de expoentes representativos dos jovens citados no capítulo, dentre eles estão criados, funcionários e frequentadores da BATEKOO:



Influenciadores negros são figuras frequentes na festa BATEKOO



Jovens drags negras frequentam a festa por se sentirem seguras num ambiente de aquilombamento.



Homens heterossexuais em processo de desconstrução são bem-vindos na festa, sabendo que o protagonismo é das bixas pretas



Todxs se sentem confortáveis para mostrarem seus corpos pois sabem que serão respeitados (como está escrito em inglês na tatuagem da frequentadora, meu corpo/ minhas regras)



Os djs que participam da festa também são todos negros.



As roupas são importantes ferramentas de afirmação das identidades.



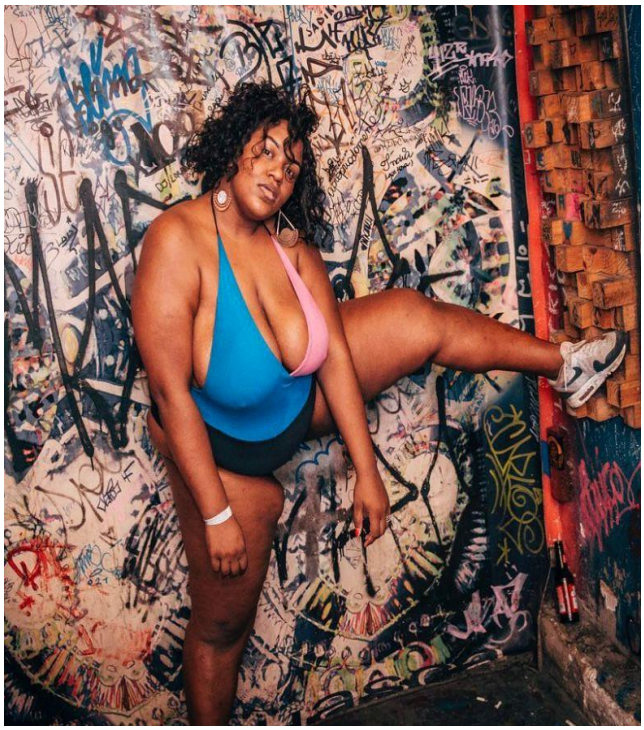
Os ritmos negros e expressão pela dança estão fortemente presentes na festa BATEKOO



As mulheres se sentem mais confortáveis de se expressarem da maneira que acharem melhor.



O cabelo é um forte aliado na construção de autoestima dos jovens negros



Os diferentes corpos (não padronizados) são exaltados e admirados na festa BATEKOO.



A questão de vestimentas de gênero fluido é muito usada pelos frequentadores.

Todas as imagens acima foram retiradas do Instagram da festa BATEKOO.

Fonte: Reprodução da internet. Disponível em: <https://www.instagram.com/BATEKOO/>

3. BATEKOO - A FESTA

Abordei, nos capítulos anteriores, sobre algumas definições sobre movimentos sociais, juventudes, dentre outras, e suas articulações com as questões étnico-raciais e, o que conferiu a possibilidade de construções representativas como a formação de acontecimentos como a BATEKOO. Durante muitos anos frequentei festas, shows, e eventos sociais que, até o advento da BATEKOO na minha vida, eram predominantemente brancos, embora em grande parte das vezes fossem focados no público LGBTQIAP+. Sempre gostei de dançar ao som das divas negras, porém faltavam opções de lugares onde eu pudesse performar minhas identidades de maneira plena, confesso que ficava inibido pois sentia uma expectativa dos outros gays presentes em relação uma masculinidade negra ou mesmo uma objetificação do meu corpo. Ao conhecer a festa BATEKOO, percebi que outras possibilidades de entretenimento e trocas afetivas eram possíveis. Para compreender a dinâmica impulsionada pela festa, antes foi necessário estudar as lutas dos movimentos sociais, especialmente, o negro e o LGBTQIAP+, como também as novas óticas sobre as diversas juventudes. Com a inclusão da festa BATEKOO no trabalho, se faz notório o poder comunicacional da estética, junto às representações da juventude negra nas mídias impactam a sociedade.

3.1 Formação da festa/movimento BATEKOO

Criada em 2014, em Salvador, a BATEKOO começou como uma festa despretensiosa, apenas para comemorar o aniversário de um de seus criadores num subúrbio em Salvador e acabou tornando-se um importante manifesto do movimento jovem negro e LGBTQIAP+ no Brasil, uma espécie de declaração pública que objetiva denunciar e alertar problemas específicos sentidos por uma parcela da população. Ao notarem a carência de representatividade de festas alternativas voltadas ao público jovem negro LGBTQIAP+ em Salvador, os dj's Maurício Sacramento e Wesley Miranda produziram a partir da festa BATEKOO, um espaço com possibilidade de trocas de afetividade negra em um ambiente propício para o público se sentir seguro para auto expressão, misturando arte e ativismo, estratégias de sobrevivência e construção de redes como extensão das potências dos participantes do evento.



Criadores da BATEKOO: Maurício Sacramento e Wesley Miranda

Fonte: Reprodução da internet. Disponível em: <https://www.instagram.com/BATEKOO>

A BATEKOO exerce esse papel de dar visibilidade às culturas juvenis negras, o que direta ou indiretamente exalta a beleza da estética, cultura e música negras se refletindo na autoestima e confiança de seus frequentadores. Inspirada pelo site do festival americano AFROPUNK[14], a BATEKOO possui como um de seus objetivos, a promoção da representação de jovens negros periféricos a partir de um movimento livre de preconceitos, num evento o qual pessoas negras são protagonistas, com preços acessíveis, visando revigorar o movimento negro periférico. A partir do princípio do enaltecimento de múltiplos ritmos da música Black nacional e internacional, dentre eles estão: o hip-hop dos Estados Unidos, o *twerk* jamaicano, o funk carioca, o pagodão baiano, dentre outros. A internet em geral e a popularização das redes sociais foram de suma importância para a propagação dos ideais da festa, as pessoas começaram a

[14] O Afropunk Festival é um festival anual de artes que inclui música ao vivo, cinema, moda e arte produzida por artistas negros. O festival fez sua estreia na *Brooklyn Academy of Music* (BAM) em 2005, e desde então se expandiu para outras partes do mundo. Originalmente cofundado por James Spooner e Matthew Morgan, o festival foi inspirado no documentário de *Spooner AfroPunk* de 2003. O festival originalmente buscou fornecer aos negros uma oportunidade de construir uma comunidade dentro da subcultura punk predominantemente branca e fornecer um palco para artistas alternativos negros que não eram reconhecidos no *mainstream* e ficavam fora do hip hop, R&B, soul, etc. Para atrair um público mais amplo, o festival mudou para incluir soul e hip hop, que expandiu seu público-alvo, atraindo *headliners* como Ice Cube, Lauryn Hill e Lenny Kravitz. Os intérpretes musicais agora representam uma variedade de gêneros, principalmente conhecidos por refletirem a cultura afro-americana. As mudanças do Afropunk em sua vitrine cultural diversificada permitiu que o festival aumentasse suas massas para 60.000 participantes. O Afropunk Fest foi ampliado para Atlanta, Paris, Londres e Joanesburgo, África do Sul. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Afropunk_Festival>. Acesso: 24 mar. 2020.

encontrar seus semelhantes, criar grupos para compartilhar ideias e pensamentos. Desta maneira, a BATEKOO se firmou como um agrupamento pungente inserido no movimento negro.

Compreendo aqui a ideia de festas ou rituais como uma espécie de porta de entrada privilegiada para a compreensão das sociedades humanas e de que o mundo festivo e o mundo cotidiano se complementam de modo múltiplo (DAMATTA, 1973). Jean Duvignaud , autor do livro “Festas e Civilizações”, publicado em 1973, é considerado um dos maiores expoentes das teorias contemporâneas sobre a festa. Ele explora o poder subversivo e de rupturas que modelos hierárquicos pré-determinados. Duvignaud (1973) propõe uma divisão nas classificações de festividades nas quais a participação do público aparece como elemento essencial, são elas: as Festas de Participação e as Festas de Representação.

A primeira relaciona-se às cerimônias públicas onde a comunidade participa de forma consciente do que acontece, incluindo à presença dos mitos e da utilização de símbolos e rituais (FANTINEL, 2013). No Brasil é possível compreender este tipo de festividades a partir das celebrações como as festas religiosas de candomblé, o Círio de Nazaré em Belém, a Lavagem do Bonfim em Salvador ou mesmo o próprio carnaval que ocorre na maioria das localidades do país. Nesse sentido, a festa seria mais organizada pela instituição, grupo religioso ou produção do evento, cabendo ao participante uma função mais observante. Já no que diz respeito às Festas de Representação, são as que contam com “atores” mais ativos no processo festivo, ou seja, são mais afetados pela experiência na qual estão presentes.



Logo da BATEKOO no Teatro Municipal de São Paulo durante o bloco Carnakoo.
Fonte: Reprodução do Instagram da festa BATEKOO

As festas podem ser manifestações da cultura de um certo povo, fazendo parte de seu patrimônio cultural e fortalecendo a inserção dessas culturas a diferentes grupos (BEZERRA, 2008). Aqui, entendo a ideia de que a festa BATEKOO assume uma posição intermediária entre “festa de participação” e “festa de representação”. Sendo “de Participação” quando analisamos o público que segue o cortejo e participa das suas alas, deixando se motivar por aquela ebulição de representações negras, sons, danças, sentidos, desejos, afetos. Por outro lado, pela sua notoriedade iniciada na Bahia e que percorre o país, que está diretamente atrelada às pautas que se fazem presente em maior ou menor escala em todo território nacional, a festa acaba ganhando um cunho representativo. Apesar da festa ter como pautas essenciais a negritude e as diversidades sexuais, a BATEKOO tem como grande parte de seus frequentadores, mulheres negras heterossexuais, por uma série de razões, dentre elas estão a liberdade de expressão e a diminuição no que tange assédios. Marina Silva, jovem negra cis heterossexual que participou da pesquisa relata sua experiência e sua impressão sobre a diversidade e representatividade na festa:

> Acredito que o grupo LGBTQIAP+. Quando fui eu sabia que era um espaço de expressão gay, mas sempre me pareceu um espaço para além, uma festa preta, de pessoas que respeitem corpos independentemente de como sejam. Quando fui pela primeira vez percebi que tinham pessoas de distintos gêneros e orientações sexuais, confirmando minha percepção.

Outro aspecto inclusivo presente na festa é a questão da precificação, sendo que, desde 2014, a festa possui ingressos a partir de 10 reais focando na democratização e acessibilidade do público em seus eventos. A Bahia, localidade onde a festa foi criada, é o estado brasileiro de maior desigualdade na renda do trabalho, como foi revelado em 2019 na última pesquisa sobre o tema pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sob outro ponto de vista, a Bahia e seu povo possuem uma diversidade cultural que enriquece tudo que é produzido em seu solo.

3.2 Bahia/Salvador - o espaço geográfico em se que iniciou a festa

"Você já foi à Bahia, nega?

Não?

Então vá!

Quem vai ao Bonfim, minha nega

Nunca mais quer voltar

Muita sorte teve

Muita sorte tem

Muita sorte terá

Você já foi à Bahia, nega?"

Dorival Caymmi

Partindo-se da premissa de que a espacialidade/ territorialidade são elementares na experiência de participação numa festa tão importante quanto o recorte do público presente em tal celebração. O lugar é um agente responsável por parte das manifestações que ocorrem nos eventos, explicitando diferentes mecanismos e escalas nas interações sociais (FERREIRA, 2003). A festa BATEKOO herdou bênçãos extras da ancestralidade por ter sido criada em Salvador, a cidade mais negra fora do continente africano. Isso se deve ao fato da cidade baiana, que foi fundada em 1549, ter sido a primeira capital do país, onde o tráfico de africanos escravizados era muito intenso. Atualmente, a Bahia é o sexto estado mais rico do Brasil, tendo como um de seus basilares, sua cultura extremamente rica e diversa, fortemente influenciado pelo legado africano. As festas desempenham também um importante papel na relação entre o homem e o lugar em que vive, pois, essas manifestações refletem no modo como os grupos sociais pensam, percebem e concebem seu ambiente (BEZERRA, 2008). Blocos afro como o Ilê Aiyê bebem diretamente dessa abundante fonte.



Mapa do Brasil com o estado da Bahia em evidência

Fonte: Reprodução da internet

O Ilê Aiyê foi criado em início na década de 1970, mais precisamente em 1974, quando um grupo de jovens negros também oriundos da periferia de Salvador se uniram para construir o que hoje em dia é o mais antigo bloco afro do carnaval de Salvador. Armando Almeida disserta sobre a importância Ilê como um grande vetor na disseminação do que ele entende como processo de "reafricanização" da Bahia, isso pode ser visto no seguinte trecho:

> Os fatos sociais mais comumente associados ao que se chamou – e tem se chamado – de “reafricanização” na história recente da Bahia estão geralmente identificados com uma nova atitude da juventude negromestiça de Salvador e de seu Recôncavo, expressa, sobretudo por um outro comportamento em relação às suas origens africanas e à negritude. Como nunca havia acontecido antes, ao menos em dimensões tão significativas, a cidade coloriu-se de uma estética inspirada na África. É fato. Visível nas roupas, penteados, e na música. (ALMEIDA, 2008, p.15)



Bloco afro Ilê Aiyê

Fonte: Reprodução da internet

O Ilê Aiyê, que nominalmente significa **“**Mundo negro” em língua iorubá, apesar de ter sido inaugurado no bairro periférico do Curuzu, em pleno período ditatorial, surpreendentemente, em pouco tempo repercute sobre o cotidiano da cidade, por meio, principalmente, do enaltecimento das práticas culturais advinda do território africano. O autor afirma que a “reafricanização” baiana foi essencial na reorganização do movimento negro no Brasil, e do MNU.

Compreendendo que o fazer político pode ser mais amplo, não vindo apenas pelas vias do Estado, o Ilê fomenta um trabalho de exaltação da beleza e saberes de uma população que sempre foi vista de maneira deslegitimada no Brasil. A BATEKOO pode ser considerada um "filhote" que atua em pautas antirracistas que o bloco abrange, além de somar novas demandas, como diversidade sexual, advindas da população negra dentro e fora do território baiano. Dessa forma, é importante salientar a dinamicidade da cultura, onde ocorre uma constante luta entre a tradição e a inovação.

Pouco menos de um ano do seu início, a festa BATEKOO expandiu-se e alcançou outras cidades, começando pelo Rio de Janeiro, em seguida São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. Alguns dos seus organizadores ficam espalhados pelo Brasil, cada um cuidando de sua respectiva cidade. Agentes culturais e sujeitos diversos foram conectados pelos cantos do País. Em Salvador, a responsável é a Adrielle Coutinho.

No Rio de Janeiro, Mauricio Sacramento. Em São Paulo, estão Wesley Miranda, Renata Prado e Artur Santoro. Baseado em sua página de Instagram oficial, eles se definem como uma plataforma de entretenimento, cultura e informação com foco em juventude urbana, negra e LGBTQIAP+. Elementos como a dança, música, negritude, expressão livre de afetividades dissidentes, da cultura negra, periférica e urbana, são estimuladas e reverenciadas. Isso pode ser percebido através das indumentárias dos frequentadores que visam comunicar suas identidades, cultura e ancestralidade. De acordo com Durkheim (1968), as festas extrapolam um conflito entre as exigências da "vida séria" e a própria natureza humana. Além disso, o autor afirma que as festas reconstroem e fortificam o "espírito fatigado por aquilo que há de muito constrangedor no trabalho cotidiano". Durante as festas, os frequentadores têm acesso a uma vida "menos tensa, mais livre", em uma esfera na qual "sua imaginação está mais à vontade" (DURKHEIM, p.543-547).



Criadores e produtores da BATEKOO - Campanha Adidas (novembro 2019)

Fonte: Reprodução do Instagram da festa BATEKOO

Apesar de muitas pessoas acharem que o nome da festa tenha uma origem africana, os criadores afirmam que a inspiração para o nome BATEKOO veio do movimento dos quadris; eles decidiram fazer a junção do verbo (bater) que pode ser entendido como mexer, balançar, rebolar com o substantivo (cu) sendo substituído pelo sufixo (koo) que dá ideia de bunda, cadeiras, quadris. A roteirista, professora de dança e criadora do afrofunk, Taísa Machado, disserta sobre a ciência do rebolado e seu lugar na cultura negra brasileira:

> O meu trabalho, pra quem não sabe, fala que esses são saberes legítimos das mulheres pretas. E que eles podem estar em muitos lugares, no baile funk, no ritual, no *tweerk* da Beyoncé, mas são saberes. E eles têm amplitude: batem na saúde, na espiritualidade, em como você é na sociedade, na cidadania, na coisa social e no ecossistema social. (MACHADO, 2020, p.33)

Das perspectivas ancestrais até as músicas sexualizadas da contemporaneidade, as danças influenciadas pela cultura africana têm sido valorizadas ao redor do mundo cada vez mais. Em 2019, após alcançar uma grande projeção nacional em razão de um trabalho árduo realizado pela família BATEKOOniana. A festa BATEKOO foi convidada para participar do festival AFROPUNK, o maior festival de cultura negra do mundo, iniciando sua empreitada internacional. Os integrantes da festa participaram do *line-up* do evento na América do Norte e no continente africano. Além disso, a festa fez uma turnê internacional por diversos países da Europa. A partir da expansão do seu alcance, seus criadores perceberam que poderiam ampliar o foco das produções além do entretenimento, dessa maneira, criaram outros projetos que serão explicados abaixo.

3.3 Projetos paralelos aos eventos

A festa BATEKOO expandiu seus horizontes, e se transformou numa espécie de plataforma que une entretenimento, cultura e informação. Além dos eventos festivos, foram criados outros dois projetos, são eles:

3.3.1 Escola B:

Desde março de 2019, com o objetivo de ampliar e difundir o conhecimento sobre as raízes negras através de um novo eixo, “BATEKOO apresenta ESCOLA B”, que trata de um projeto educacional-pedagógico conta com cursos, oficinas, rodas de conversa,

mesas de debate, laboratórios, visitas a exposições, entre outras atividades. A Escola B é um projeto pedagógico voltado ao estudo e difusão das histórias e culturas negras. Visando a criação de espaços educativos que contestem as narrativas hegemônicas e a historiografia eurocêntrica difundida no Brasil. O primeiro encontro contou com a presença de Jenn Nkiru, cineasta anglo-nigeriana, e a cantora Karol Conká, para uma conversa sobre processos criativos, arte e negritude. Além de São Paulo, o Rio de Janeiro também recebe os encontros mensais da Escola B.



Folder dos projetos produzidos pela Escola B, que acontecem nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo, voltados ao estudo e difusão das histórias e culturas negras.

Fonte: Reprodução da internet. Disponível em: <https://www.instagram.com/BATEKOO/>

O acréscimo de novos conhecimentos negros antes não reconhecidos e legitimados pela academia é de suma importância à formação e manutenção de novas epistemologias. A sociedade, de modo geral, tende ser uma esfera de disseminação de novos olhares e narrativas, o que normalmente não acontece. No Brasil, o racismo sofrido pela população afrodescendente não se estabelece apenas no âmbito individual, ele também é sentido nas esferas institucionais e estruturais da sociedade. O “empoderamento" intelectual é um dos principais benefícios da assimilação dessa gama de saberes pelos jovens negros. Eu, como homem negro jovem, sempre me senti deslegitimado intelectualmente em diferentes esferas, como a universitária ou profissional. Se fazia necessário uma demonstração maior, por não estar num “lugar naturalizado” geralmente ocupado por uma pessoa negra. Em “Ensinando a transgredir:

a educação como prática da liberdade", hooks (1994) reflete sobre uma pedagogia que tem como objetivo transgredir as barreiras impostas pelo racismo, sexismo e classismo, bebendo da fonte de grandes influências, dentre elas o ilustre patrono da educação no Brasil, Paulo Freire. A autora expõe como geralmente se dá a resistência ao conteúdo que tange com que questões raciais em sua sala de aula:

> Para educar para a liberdade, portanto, temos que desafiar e mudar o modo como todos pensam sobre os processos pedagógicos. Isso vale especialmente para os alunos. Antes de tentarmos envolvê-los numa discussão de ideia dialética e recíproca, temos que ensinar-lhes o processo. Dou aula a muitos alunos brancos e eles têm posições políticas diversas. Mas eles chegam à aula de literatura feminina afro-americana e não querem ouvir discussões sobre políticas de raça, classe e gênero. Frequentemente reclamam: "Eu pensei que esse curso fosse de literatura". O que estão me dizendo, na verdade, é "achei que esse curso seria dado como qualquer outro curso de literatura que eu já fiz, apenas substituindo os escritores brancos do sexo masculino por escritoras negras do sexo feminino". Eles aceitam a mudança no foco de representação, mas resistem a mudar as maneiras como pensam as ideais. Isto é ameaçador. (HOOKS, 1994)

"Perceber-se é algo transformador" (RIBEIRO, 2019, p.32). Por meio da construção dessa legitimidade dos conhecimentos negros pelos próprios negros, se faz possível entender, contestar e tensionar questões, fundamentando em outras noções como alicerces teóricos. Dentre as justificativas utilizadas pelos brancos para a existência da dominação, é comum alegações por meio de desqualificação intelectual e desqualificação como povo, de toda a sua cultura e saber. Gomes (2017) disserta sobre a importância do movimento negro no Brasil. Para ela, esse movimento "constrói, sistematiza, articula saberes emancipatórios produzidos pela população negra ao longo da história social, política, cultural e educacional brasileira" (p.24).

Para compreensão e conceituação desses conhecimentos, a autora inicia seu pensamento a partir da concepção do Boaventura dos Santos Souza, sobre a sociologia das emergências, que consiste em substituir o vazio do futuro segundo o tempo linear por um futuro de possibilidades plurais, concretas, simultaneamente utópicas e realistas, que se vão construindo no presente mediante atividades de cuidado.

Gomes (2017) defende que o movimento negro fomentou a partir das lutas por emancipação e da construção de vários saberes, dentre eles destacam-se os saberes

identitários[15], os saberes políticos[16] e os saberes estético/corpóreos, que estão interligados apesar das especificidades (p.77). Acredito que a BATEKOO amplifica a reflexão sobre todos os saberes citados acima, porém os saberes estéticos/corpóreos parecem se encaixar perfeitamente quando pensamos sobre a maneira que os frequentadores expressam suas performances identitárias, especialmente, através de seus estilos e forma de dançar. Entende-se por saberes estéticos/corpóreos:

> Saberes estéticos/corpóreos. Estes são pensados, aqui, no que se refere à corporeidade entendida como o corpo em movimento, suas potencialidades, simbolismos e representações. Apesar de o Brasil ser uma sociedade marcada pela corporeidade como uma potente forma de expressão cultural, nem todos os corpos e seus sujeitos são vistos e tratados no mesmo patamar de igualdade. Nesse processo, o corpo negro ainda vive situações que exigem a superação da visão exótica e erótica que sobre ele recai, oriunda da violência escravista, alimentada pelo sexismo, pelo machismo e disseminada pelo racismo. Nesse contexto, é possível observar que a partir do ano 2000 há uma politização da estética negra, via afirmação da corporeidade, diferente daquela realizada no final dos anos 70 e início dos 80 do século XX. O corpo negro e sua corporeidade se destacam na cena pública em meio a um processo tenso e ambíguo. Assistimos a uma maior presença de negros na mídia, porém, ainda acompanhada da denúncia feita pelo movimento negro referente ao persistente lugar de subalternidade. Surgem propagandas e peças publicitárias que adotam o negro como personagem central, porém, ainda com estereótipos. Há uma visualização e maior uso de penteados no estilo "*black power* estilizado", do uso de dreads por jovens brancos da classe média, maior adesão ao uso das tranças pelas mulheres negras e brancas jovens e uma maior exposição do corpo negro nos eventos culturais. (GOMES, 2017, p.75)

A inserção de novos conhecimentos difundidos pelo movimento negro, antes não reconhecidos e legitimados pela academia é de suma importância a formação e manutenção novas epistemologias. A sociedade, de modo geral, deveria ser uma esfera de disseminação de novos olhares e narrativas, o que não costuma acontecer. A

---

[15] Os saberes identitários: O movimento negro, principalmente no contexto das ações afirmativas, recoloca em outros termos o debate sobre "raça e cor" no Brasil. A autodeclaração étnico-racial é introduzida no universo dos brasileiros de forma mais ampla, inclusive nas camadas médias, que tanto resistem ao debate sobre as desigualdades raciais. O movimento negro tem conseguido expandir a sua interpretação social e política sobre a raça, o racismo cotidiano, institucional e ambíguo – e nada cordial – vivido em nossa sociedade passa a ser mais explicitado e por isso mesmo pode ser desvelado, discutido, debatido e punido de acordo com a lei. (GOMES, 2017, p.69)

[16] Os saberes políticos: a universidade, os órgãos governamentais, sobretudo o Ministério da Educação, passam a tematizar mais sobre as desigualdades raciais. As pesquisas, as políticas educacionais e os indicadores de avaliação escolar começam a dar outro destaque à discussão sobre a questão racial. Os campos do direito e da justiça começam a ser pressionados para dar respostas que contemplem a concretização de uma sociedade igualitária que tenha como eixo o direito à diversidade. Em 2010, em meio a tensões e negociações, é aprovada a Lei n. 12.288, de 20 de julho de 2010, que institui o Estatuto da Igualdade Racial, uma experiência inédita no campo político e jurídico brasileiro. A sociedade brasileira e o Estado têm aprendido mais sobre o que significa implementar políticas públicas que contemplem a diversidade como um dos eixos para a garantia dos direitos sociais, da cidadania e para a construção de uma sociedade igualitária. (GOMES, 2017, p.72)

possibilidade de incentivar ou até mesmo complementar educacionalmente uma lacuna deixada pelo Estado sobre acontecimentos históricos sobre a perspectiva negra, colaborando na relação positivada com o legado racial negro que geralmente é apenas associado com a escravidão no Brasil.

A partir da pergunta enunciada no título do livro “Pode o Subalterno Falar?”, da escritora indiana Gayatri Spivak (2010), a BATEKOO fomenta essa expansão dos olhares a juventude negra demonstrando que não apenas fala pelo discurso verbal, como também pelo corporal. A demonstração de seus saberes expressados por suas performances identitárias são estratégias de luta, resistência e superação contra diferentes tipos de opressões da sociedade brasileira.

Vejo que a influência sobre o conhecimento negro que “Escola B” pode provocar uma mudança interna, já que para muitos desses jovens é o primeiro contato com a sua ancestralidade, como também despertar o interesse ao sistema de educação superior. As ações afirmativas de acesso à Universidade são de suma importância nesse caminho, resultado das demandas dos militantes, por isso mesmo, responsável pelo caráter emancipador do projeto.

3.3.2 BATEKOO Records:

Visando difundir a música independente negra e periférica do Brasil e do mundo, os fundadores da festa BATEKOO criaram a BATEKOO Records, um selo artístico focado nas áreas da música e dança. A primeira parceria do selo é com a cantora Deize Tigrona. Considerada uma das precursoras da inserção de pautas feministas no funk carioca, ela sofreu depressão no auge do sucesso, no começo dos anos 2000, e se distanciou dos palcos. Os anos passaram e ela chegou a trabalhar como gari. Em 2019, a cantora foi contratada pelo selo e fez uma turnê pela Europa.





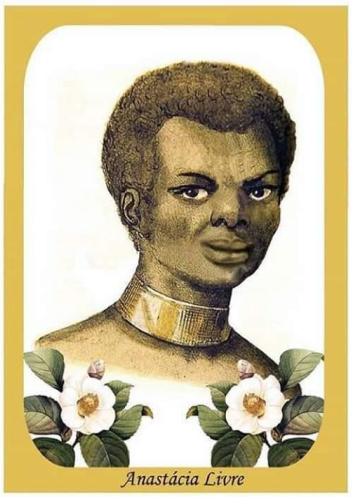
Deise Tigrona, agenciada da BATEKOO Records
Fonte: Reprodução da internet. Disponível em: <https://www.instagram.com/BATEKOO/>

A música, além de uma potente forma de expressão artística, possui caráter de resistência e luta. A música negra mundial é conhecida por isso, não somente quando se posiciona ativamente no âmbito social e civil ou mesmo para protestar contra alguma opressão. Seja pela resistência de ritmos marginalizados na sociedade, como o funk e o samba, ou pelo mesmo teor composicional. "*Strange Fruit*" é uma música que exemplifica esse impacto com perfeição, composta em 1936 e interpretada de forma magistral por Billie Holiday. Ela retrata um protesto assustador contra a desumanidade do racismo, tendo sido inspirada por uma fotografia de um linchamento de pessoas negras no Estados Unidos da América. Em dezembro de 1999, a prestigiada revista *Time* a elegeu como canção do século.

A cineasta negra Yasmin Thayná, realizadora do filme premiado "Kbela"[17], compara o trabalho da BATEKOO Records com a Deise Tigrona com o trabalho artístico

[17] KBELA é uma experiência audiovisual realizada de forma colaborativa por mulheres negras sobre mulheres negras. Com roteiro e direção de Yasmin Thayná, o filme recebeu o prêmio de Melhor Curta-metragem da Diáspora Africana da Academia Africana de Cinema (AMAA Awards 2017) e foi convidado para dezenas de festivais ao redor do mundo, entre eles o Festival Internacional de Cinema de Roterdã (IFFR, 2017) e FESPACO – Festival Panafricano de Cinema e Televisão de Ouagadougou, em Burkina Faso, o maior do continente africano. Seja através do cinema ou através dos cabelos, essas mulheres têm em comum a busca por novas possibilidades para narrar suas histórias em diferentes campos onde machismo e racismo são obstáculos a serem superados. Disponível em: <https://kbela.org/sobre-kbela/>. Acesso: 20 mar. 2021.

feito por Yhuri Cruz chamado "Monumento à voz de Anastácia", pois na sua opinião ambos cravam na história uma imagem que a história não conta. A opinião da cineasta vai em encontro com minhas percepções sobre o mesmo, no caso, a importância da difusão e popularização de vozes e corpos que ainda não tiveram o reconhecimento de suas grandezas.



Obra “Monumento à Voz de Anastácia” - Yhuri Cruz

O racismo não pertence apenas ao passado. Tem presente e também um futuro. Mbembe, em seu livro “Crítica à Razão Negra”, nomeia de “recalibragem”, as formas de variação e atualização do racismo de acordo com o período político, histórico e social. Em contraste da visão inferiorizada que grande parte da sociedade reproduz em relação às mulheres negras, a BATEKOO Records luta para romper essa questão social e histórica, além de políticas públicas de ações afirmativas outras vias como a produção e ampliação de discursos artísticos também são de suma importância.

3. 4 A influência das redes sociais na difusão do movimento BATEKOO

Nos dias de hoje, as redes sociais possuem um papel potente na questão da pluralidade representacional. Coletivos de jovens comunicadores negros pautam questões fundamentais como genocídio da juventude negra, enquanto os *influencers* (pessoas que detém o poder de influência em um determinado grupo de pessoas, impactando centenas e até milhares de seguidores através de suas opiniões, hábitos e estilo de vida) se assentam a partir de postagens sobre diversos cenários como política,

moda, estética, dentre outros. Este fato possibilita o acesso às mais diversas narrativas de pessoas negras em busca de referências, autoconhecimento e identificação, transmitindo suas vivências e trocando experiências que são de suma importância para fortalecimento da luta contra o apagamento histórico das raízes do povo preto no país. Por meio das mídias sociais, a BATEKOO compartilha conteúdos que ampliem a visão sobre o que é ser negro, periférico e LGBTQIAP+ no Brasil. O amplo acesso à internet e a popularização do uso de múltiplas plataformas virtuais por pessoas negras fomentou o crescimento e reconhecimento da BATEKOO como um movimento para além das fronteiras da festa, sendo um potente ator social pelo etnodesenvolvimento que possui quase 100 mil seguidores em suas diferentes redes sociais. A BATEKOO deixou de ser apenas uma festa mensal e se tornou um movimento e uma plataforma de divulgação de produções artísticas e intelectuais negras.

A representação política e simbólica nos oferece algumas particularidades interessantes para pensarmos em uma concepção alargada do que muitos entendem como representatividade, algo que possui bastante demanda na juventude. Uma espécie de concepção de existência a partir do pertencimento a determinado grupo. No começo da festa, seus frequentadores esperavam ansiosamente pelas fotos que os diversos fotógrafos espalhados no espaço sacaram dos melhores looks, penteados, danças e grupos. Com o advento da pandemia e a impossibilidade da feitura de festas por conta do distanciamento social, as redes sociais se transformaram na plataforma principal de conexão do público com o movimento BATEKOO. Assuntos muito relevantes que nem sempre fazem parte do conhecimento cotidiano da juventude negra, têm sido introduzidos de maneira didática e elucidativa, temas como colorismo, *black money*, mercado de trabalho, pensadores negros, dentre outros.

A criação da BATEKOO em 2014 é reflexo de vários movimentos anteriores na história e da conjuntura política em que o Brasil se encontrava. Os governos de esquerda que foram iniciados no Brasil a partir de 2002, proporcionaram uma mudança de paradigma em relação às desigualdades existentes até então. Uma série de políticas públicas como o estatuto da igualdade racial e políticas afirmativas que possuíam forte cunho social e racial possibilitaram um olhar mais digno sobre as populações minorizadas e discriminadas.

Ao entender que o enfrentamento de atitudes preconceituosas deve ser realizado também nos meios midiáticos aos quais jovens negros têm acesso, a BATEKOO propõe promoções de discussões sobre temas e personalidades negras que dificilmente chegariam aos mesmos. Esses debates sobre diferenças de gênero, étnico-

raciais, religiosas, enfim, diferenças culturais, faz com que seus seguidores passem de receptores a autores de suas próprias reivindicações, não apenas no desenvolvimento do letramento digital, mas na consciência cidadã de todos (FONSECA, 2018). A influencer, dj da BATEKOO, mulher trans e negra, Kiara Felipe, relata como a plataforma BATEKOO influenciou diretamente na relação com a sua identidade de gênero e a positivação das suas características negras:

> Eu sou uma prova viva de que, tipo assim, não tem como a gente se encontra uma pessoa negra né. Principalmente entendendo essa negritude através da pele, mas antes de conhecer (a festa) eu não me entendia como uma pessoa negra, não gostava do meu cabelo, não gostava do meu nariz, não gostava da minha estética e nem entendia o que que era minha ancestralidade toda essa raiz que vem da África, né. Foi através do BATEKOO, das novas possibilidades que eu vi estilos diferentes, então isso atingiu a minha autoestima, a minha forma de socializar com o meu meio, meu entendimento da pessoa negra que sou. Fora isso, também tem a questão de gênero e sexualidade na BATEKOO. Eu comecei a minha transição, todo mundo acompanhou com decorrer do tempo a minha transição, além disso, na festa já tem vários relatos de entendimentos de pessoas que se entenderam como pessoas não cis e também descobriram outras formas de identificar e de se entender sexualmente. Então é uma plataforma para além de festa que traz essa imersão, que traz esse choque cultural entre jovens.

O movimento BATEKOO também é vivido de diferentes maneiras, as redes sociais podem ser uma válvula de ampliação dessa atmosfera de acolhimento para a juventude negra LGBTQIAP+. O isolamento físico de pessoas que compartilham partes das nossas identidades já é bem complicado, entretanto o sentimento de solidão da exclusão social e até mesmo virtual, pode ser ainda mais danoso na construção da subjetividade. Eu mesmo não tive referências de homossexualidade negra no meu processo de formação, e me achava um extraterrestre.

3.5 A importância do recorte interseccional do público alvo para o movimento BATEKOO

Sinto que o conceito de interseccionalidade criado pela advogada estadunidense Kimberle Crenshaw, é bem significativo para explicar o primeiro recorte do público presente na BATEKOO desde quando a festa foi idealizada, focando em jovens negros e homossexuais. Utilizo da experiência pessoal da própria autora para explanar que apesar de sermos lidos racialmente como um grande grupo uniforme, possuímos experiências e visões diferentes que atravessam nossas escolhas e ações perante a vida em sociedade.

Kimberle Crenshaw, autora do conceito de interseccionalidade, refletiu sobre o tema a partir de uma experiência pessoal vivenciada na prestigiada universidade de Harvard, pela qual se formou em direito. A então estudante foi convidada por um colega afro-americano para visitar uma irmandade da universidade que, até aquele momento, só havia aceitado um negro como participante, o mesmo que convidou o colega de Crenshaw. Antes de chegarem ao lugar determinado, ela e seu colega pensaram sobre o que fariam caso fossem recebidos de forma hostil, e decidiram que iriam embora imediatamente. Ao baterem à porta, foram informados que não poderiam entrar pela porta principal, mas não pelas razões que eles esperavam. Apesar dos dois convidados serem negros, eles não puderam entrar pela porta da frente pelo fato de Crenshaw ser uma mulher. Inesperadamente, seu amigo não se comoveu pelo ato misógino e prontamente adentrou à casa.

O conceito de interseccionalidade se constitui enquanto ferramenta crítico-política e teórica que "visa dar instrumentalidade teórica-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cis-hétero-patriarcado" (AKOTIRENTE, 2018). Pode-se entender que o fato dos serem negros é uma questão que os une, porém, apenas ela carrega a interseccionalidade gênero e raça, o que faz com ela seja vítima de múltiplos sistemas de opressão. Toda essa experiência evoca uma possível reflexão sobre até que ponto somos empáticos à questão que não nos envolve totalmente, neste caso, como o homem negro não se sentiu afetado pela discriminação de gênero sofrida por uma mulher negra.

Me permito ampliar o olhar em relação ao conceito de interseccionalidade que inicialmente foi focado nos âmbitos de gênero, raça e classe, e incluo a orientação sexual não-hegemônica nesse prisma. O movimento LGBGTQIA+ é um dos pilares da construção da festa BATEKOO, por outro lado, sabe-se que grande parte deste movimento que costuma ser visibilizados são os homens brancos e cisgêneros que pertencem a letra G desta enorme sigla. Pensando na falta de representatividade das letras da sigla, associando os recortes racial e social, vejo como uma singularidade fundamental para a escolha da festa BATEKOO como objeto desta pesquisa o fato de ter como seu principal público-alvo, jovens homossexuais, negros e periféricos.

A resistência no mundo se dará por vias como a criação de novas modalidades de acolhimento, novos sensos de pertencimento, forjando nossos próprios quilombos (VEIGA, 2019). A festa BATEKOO pode ser assimilada como ação estratégica de sobrevivência, de suporte para a vida cotidiana, e também como um fortalecimento na reparação aos danos que as diásporas causaram às subjetividades. No que tange às

dinâmicas de flerte e afetos presentes na festa, existem noções implícitas ou até mesmo explícitas relacionadas ao amor afrocentrado, embora num ambiente bastante liberal. A pesquisadora Bruna Cristina Jaquetto Pereira, em seu artigo “BATEKOO: Território de Afetos”, descreve as práticas relacionais presentes na atmosfera BATEKOOniana:

> Em alinhamento com o projeto da BATEKOO, sobressaíam-se entre os seus/suas frequentadores/as o veto às atitudes discriminatórias – machistas, racistas, homotransfóbica, gordofóbicas – e a expectativa de uma atitude “afirmativa”. No âmbito das paqueras, esse código de comportamento traduzia-se no pressuposto silencioso de que as abordagens deveriam ser “politizadas”, no sentido de que deveriam estar de acordo com os debates fomentados pelos movimentos feministas, antirracistas e LGBT’s. Por exemplo, as referências à “exoticidade” ou supostos atributos sexuais de mulheres negras – ou homens negros – seriam muito malvistas e imediatamente contestadas. Suspeito mesmo que qualquer abordagem de pessoas brancas a pessoas negras desconhecidas poderia gerar alguma desavença. Como em outros projetos de sociabilidade negra centrados na ideia de “resistência" – isto é, que recusam o modelo de “integração” segundo o ideário da democracia racial, tal como o movimento soul da década de 1970 –, valorizava-se a formação do par negro (GIACOMINI, 2006). Com efeito, casais negros de todos os tipos, homoafetivos inclusive, desfilavam ostentosamente pelo espaço, encorajados pelos olhares e sorrisos de aprovação. (JAQUETTO PEREIRA, 2019)

Os princípios defendidos e evidenciados pela plataforma BATEKOO, tanto nas redes sociais quanto nas festas presenciais antes do hiato ocasionado pelos efeitos da pandemia de covid-19, sobre respeito à diversidade, empoderamento pessoal, consciência social. Na aplicação do questionário da pesquisa, um frequentador explanou o seguinte trecho sobre sua relação com a festa BATEKOO e como sua relação com autoimagem foi impactada pela mesma:

> Descobri a festa BATEKOO, por ser próximo dos idealizadores, e naquele momento foi muito importante para minha construção como gay negro. Era uma fase da minha vida que estava me descobrindo como negro, tinha um ciclo de amizades majoritariamente negro e gay, assim que foi um momento muito especial para mim. Éramos os protagonistas daquela era, pessoas brancas se acercavam da gente para serem aceitas naquele universo, quando eu em outras ocasiões (em boates majoritariamente focadas no público branco) já havia feito o mesmo em relação aos brancos, digo até mesmo nas boates LGBTQIAP+, que na minha época era só GLS. Por algum tempo da minha adolescência era gordinho, e acreditava que esse era o motivo de não conseguir namorados ou até mesmo paqueras na balada, e com o meu descobrimento nessa era pré-BATEKOO quando me descobri como gay negro, entendi que o problema não estava no meu corpo e sim na cor da minha pele, já na era BATEKOO isso foi revertido.

O relato acima é interpelado pelos efeitos que a branquitude causa na vida e na subjetividade em construção de um jovem negro. O branco foi e continua sendo lido na história como o ser humano ideal, o que lhe permitiu ao longo de séculos uma situação privilegiada. A Branquitude pode ser compreendida como as práticas daqueles

indivíduos brancos que assumem e reafirmam a condição ideal e única do ser humano, portanto, o direito pela manutenção do privilégio perpetuado socialmente (MOREIRA, 2012). Essa prerrogativa advinda de uma loteria genética dada ao nascer deve ser combatida ferrenhamente, para que um dia haja condições de igualdade mínima na coletividade. A BATEKOO, dentre outros atores agem na desconstrução dos olhares racistas e hétero-cis-normativos.





Durante o Nazismo, Hitler obrigou que todos os homens suspeitos de serem homossexuais, nos campos de concentração, fossem marcados com um triângulo rosa, o que começou a criar essa associação da cor rosa como algo "feminino", o completo oposto de como era vista como uma cor “forte” no passado. Por causa dessa associação cultural de que rosa = mulher, mulher = feminilidade, homem gay = homem afeminado, portanto homem gay gosta de rosa. O ensaio propõe um olhar orgulhoso sobre a identidade sexual dos jovens frequentadores da BATEKOO.





Ensaio feito para arte gráfica da edição de novembro/2016 da BATEKOO RJ e Editorial BIXA PRETA em parceria com o Brechó Replay.

Fonte: Reprodução da Internet. Disponível em: <https://www.instagram.com/BATEKOO/>

3.6 - Quilombo, Quilombismo e Queerlombismo

De acordo com Beatriz Nascimento (1979), quilombo seria uma instituição africana, de origem angolana que teve o significado ampliado aos princípios ideológicos como forma de resistência cultural. Em África, “Kilombo" dizia respeito ao local, casa sagrada, onde se processava os rituais de iniciação. A partir da diáspora forçada de africanos para terras brasileiras durante os períodos colonial e imperial, os portugueses definiram "quilombo" ao seu modo como toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, também chamado de “período negro".

No final do século XIX o quilombo passa por uma ressignificação e se transforma num instrumento ideológico contra as formas de opressão, alimentando o sonho de liberdade dos escravizados. Alicerçado por essa perspectiva, Abdias do Nascimento (2002) refletiu sobre o legado negro e a experiência de quase meio milênio de opressão do povo negro, captou a partir das dinâmicas desenvolvidas nos quilombos, configurou uma nova conformação de existência, o quilombismo.

Para Nascimento, através do quilombismo seria possível uma sociedade criativa na qual o trabalho não se definiria como uma forma de castigo, opressão ou exploração. Quilombismo: Um conceito científico emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira que visa assegurar sua própria condição humana que há tantos séculos é tratado e definido de forma vergonhosa e opressiva. A concepção do quilombismo “define o ser humano como o seu objeto e sujeito científico, dentro de uma perspectiva de mundo e de existência na qual a ciência constitui uma entre outras vias do conhecimento” (NASCIMENTO, 2002, p.269-274).

Partindo do legado teórico-metodológico iniciado por Abdias e inserindo o prisma da diversidade sexual, a escritora Tatiana Nascimento (2018), em conjunto com a coletiva Otim de lésbicas negras diaspóricas, a qual ela também é integrante, elaborou uma oficina literária dentro de um festival *queer* em Berlin formado por pessoas negras. A partir dessa experiência, tinha como objetivo pensar a cuíeraspora e montar um queerlombo de recontação de histórias negras de dissidentes sexuais.

A partir da segunda edição de seu livro "lundu” (2016), ela fez uso em um de seus poemas da sentença “devanei(gr)os desde meu queerlombismo”, a pensadora reconfigurou o nome derivado “teoria queer/ *queer studies*” concebida pela filósofa estadunidense Judith Buttler em associação ao conceito de "quilombismo" cunhado pelo ilustre Abdias Nascimento, dando origem ao termo “queerlombismo” que se transformou

em “cuíerlombismo” abrasileiramento sem alteração o peso semântico anterior (NASCIMENTO, 2018).

Em 2016, Tatiana Nascimento produziu o primeiro sarau queerlombismo no Aparelha Luzia (SP), um espaço pensado para ser um quilombo urbano, criado em abril de 2016, pela primeira deputada estadual trans negra do Brasil, Erica Malunguinho. Mais focado no campo da produção poética, o grupo busca fomentar a constituição de subjetividades negras lésbicas com intuito de contrapor as diversas tentativas coloniais de apagamento da existência física, subjetiva, literária da população negra LGBTQIAP+.

Sob o prisma mais contemporâneo da realidade queer africana que influenciou os caminhos das diásporas, Awino Okech em seu texto “Sobre sororidade e solidariedade: tornando queer os espaços feministas africano" defende que já existe o movimento de organização distinta, que ocorre na maior parte da África entre a militância LGBTQIAP+ e os movimentos feministas/de direitos das mulheres, é igualmente significativa, uma vez que o movimento LGBTQIAP+ se baseia historicamente na relação de resistência e fortalecimento. Jackson explana abaixo seu olhar que complementa a visão de Okech:

> Queer e feminismo convergem na medida em que ambos questionam a inevitabilidade e a naturalidade da heterossexualidade e ambos, pelo menos até certo ponto, ligam a divisão binária entre o gênero com aquela entre a heterossexualidade e a homossexualidade. Além disso, eles diferem em ênfase. Os teóricos queer buscam desestabilizar a heteronormatividade, mas estão relativamente despreocupados com o que acontece nas relações heterossexuais. As feministas, porque estão preocupadas com as maneiras pelas quais a heterossexualidade garante a divisão de gênero e depende dela, estão muito mais interessadas na institucionalização e na prática cotidiana das relações heterossexuais. (JACKSON, 2005)

Detalho esse caminho iniciado pela criação do quilombo em África e algumas de suas ressignificações e derivações na diáspora brasileira, pois todas em algum âmbito foram essenciais para construção do que se entende como movimento BATEKOO. O queerlombismo proposto por Nascimento (2018) se apresenta naturalmente nas dinâmicas da festa BATEKOO, porém, ao meu ver, não pela via literária, mas pelo o usos dos corpos, lógicas de encontros e aproximação e ocupação de espaços. A exemplo sobre a importância da união das pautas sexuais e raciais para os jovens negros LGBTQIAP’s, destaco a fala do entrevistado Michael Marcellus: “Me sinto conectado a ambas pautas, pois elas influenciam na minha vivência e sobrevivência".

Considerações finais

Durante essa jornada do mestrado, passei por vários momentos de altos e baixos, nos quais muitas vezes duvidei da minha capacidade para conseguir chegar até o fim. Como se não fosse o bastante, ainda estamos passando pela pior pandemia do século XXI. Após mais de um ano e meio do primeiro caso no mundo e também no Brasil, temos no país mais de 600 mil mortes causadas pela COVID-19 e mais de 20 milhões de casos. Muito disso, pela omissão de um governo genocida, racista e lgbtfóbico. Isso dificultou muito a relação da pesquisa com o campo, no caso a festa BATEKOO. Por conta do advento da pandemia, as festas e celebrações ou qualquer tipo de aglomeração foram canceladas pelo risco iminente de contaminação.

As entrevistas tiveram que ser feitas via internet, dando mais impessoalidade ao processo, porém possibilitou um acesso maior ao campo das memórias sem as quais não seria possível compreender o mundo e que nos moldam como ser humano. Os jovens entrevistados durante o processo da pesquisa mostraram através dos seus relatos sobre vivências pessoais até com os outros frequentadores. Os relatos nos expõem a alguns apontamentos acerca das relações gerais que foram trabalhadas no decorrer desta dissertação.

Os jovens entrevistados possuíam idades entre 26 e 32 anos até o momento das entrevistas, e a maior parte deles frequentaram a festa BATEKOO desde os primórdios da mesma. A juventude, em geral, para eles é entendida como um momento de transição/ experimentação; porém, ao se referirem à junção de juventude e negritude, relatam uma série de dificuldades que atravessaram, como a necessidade de ser o melhor da classe para ser considerado igual, que observamos nesses trechos: "me sentia muitas vezes na necessidade de chamar a atenção para o bem ou para o mau, para tentar que aquelas pessoas me respeitassem, e aceitassem que eu podia ocupar aquele espaço" e "sempre tive uma veia artista, ali era uma outra maneira de me destacar, na elaboração de trabalhos e feiras escolares".

Inicialmente, percebi pelas entrevistas que eles vivenciaram o racismo em seus cotidianos de diversas maneiras, pois a marca física externa que possuem, como os traços físicos negros, boca, nariz, cabelo, entre outros, é transformada em estigma social, que em alguns momentos os fazem sentirem-se subalternizados e inferiorizados. Alguns também sofreram uma série de eventos que hoje em dia conhecemos como "*bullying*", e outras formas de discriminação. Por outro lado, houveram experiências

positivas como a da jovem Kiara, que enxerga a juventude negra como uma outra forma de conexão com a ancestralidade e, embora viva num país tão racista, ela se diz muito orgulhosa hoje em dia de entender a sua negritude e de ser quem ela é.

O que me motivou a pesquisar este campo, foi em grande parte a sensação que eu tive ao adentrar a festa BATEKOO. Eu nunca tinha ido a um ambiente onde existiam tantas pessoas parecidas comigo, em que minhas características vistas como pejorativas na sociedade (negro e gay), eram exaltadas e celebradas. A festa BATEKOO foi um divisor de águas na minha relação comigo mesmo e com a comunidade negra jovem. Fiz amigos que carrego em diversos momentos da minha vida, não apenas nos festivos. Foi um lugar no qual pude me expressar estética e corporalmente, e no qual me senti plenamente um ser desejado e desejante afetivo/sexualmente. A vivência num verdadeiro "queerlombo".

No capítulo 1, fiz um panorama sobre o pensamento racial e social no Brasil desde a época da colonização, passando pelas políticas eugenistas de Estado até os dias atuais. Nunca vou esquecer, quando numa das primeiras aulas do mestrado, o professor Roberto Borges perguntou qual a característica que todo indivíduo negro tem em comum. Ele respondeu que era ter passado por alguma situação de racismo. Hoje, após toda essa jornada acadêmica, a resposta me parece notória, todavia, não me veio à mente durante a aula. Influenciado por essa explicação, trabalhei os conceitos de racismo estrutural (ALMEIDA, 2019).

Afirmo também, como foi a influência dos movimentos sociais na conquista de espaços, em especial, dos movimentos negros e LGBTQIAP+ dentro de suas lutas individualizadas. Concomitantemente, é sabido que ambos os grupos representam pautas de indivíduos que sofrem opressão, entretanto, não se combinam entre si. Sobre essa representatividade enquanto categoria de classe, alguns dos entrevistados confidenciaram suas perspectivas sobre questões que podem ser lidas como homofóbicas advindas do movimento negro (como a visão afrocentrista da homossexualidade), por outro lado o movimento que representa a diversidade sexual tem um foco muito ligado a ascensão social, o que indiretamente, no país que foi o último a abolir a escravidão, negros e negras ainda não possuem a mesma oportunidade de ascensão financeira e social no Brasil. Entretanto, a população negra homossexual tem algo em comum, sobre essa interseccionalidade opressiva, o racismo atado à homofobia.

No capítulo 2, fiz um pequeno panorama de visões diversas sobre juventudes, dentre elas, me apego à um grupo que está bem em voga na atualidade, a geração

tombamento. Primeiramente, pela exaltação da estética, do uso do corpo de maneira autônoma e livre, expressando sua ancestralidade e intensamente, como também por seu fundamento político, partindo da quebra da forte referência da branquitude quando se fala em grupos juvenis.

Já no capítulo 3, me permito introduzir e destrinchar o advento da festa BATEKOO, que se tornou um dos maiores fenômenos representativos da juventude negra brasileira contemporânea. Assim sendo, acredito que os encontros e trocas promovidos pela festa BATEKOO e todos os seus projetos paralelos contribuem para compreender e evidenciar a crescente proliferação de discursos e narrativas em torno da interseccionalidade, principalmente, a da homossexualidade, raça e gênero.

Como resultados desta pesquisa, enxergo que a criação da festa BATEKOO em uma série de cidades do Brasil, possibilitou uma mudança de paradigmas, em alguma medida, na maneira como a questão racial e a homossexualidade passaram a ser encarada pelos jovens frequentadores do evento festivo e como também dos participantes dos paralelos produzidos pela mesma. Uma das hipóteses era a de que a existência de festas que visam a exaltação de interesses e perspectivas de diferentes grupos sociais, como a BATEKOO, colaboram para o questionamento dos frequentadores sobre suas próprias construções identitárias e fortalecerem-se como indivíduos perante as intolerâncias da sociedade. Isso se mostrou notório durante as entrevistas, porém o relato da jovem negra e trans, Kiara Felipe, relatado no capítulo 3, conseguiu exemplificar excelentemente.

Para elucidar as consequências da festa BATEKOO em sua vida, Michael relata que, antes de frequentá-la, costumava ir a festas de música eletrônica, nas quais a maioria do público eram de heterossexuais preconceituosos. Muitas vezes se sentia desconfortável em relação à sexualidade e identidade visual, pois não se sentia compreendido naquele ambiente. Nesse momento, a questão sexual era mais problemática do que a racial, pois via uma maior integração dos jovens negros heterossexuais do que os homossexuais. Porém, vejo que existe uma maior diversidade e aceitação de outros públicos até mesmo em festas focadas para o público heterossexual.

Já Marina, ao se referir sobre a influência da festa em sua vida, diz:

> A festa nunca é apenas uma festa. Ela une pessoas que pensam parecido, dá força e voz para um movimento. A festa, a rua, é um movimento político. Poder se expressar livremente, com seus amigos, com pessoas que te respeitam, com pessoas com quem você se identifica, é muito potente. As pessoas ganham voz. Corpos que são colocados em uma caixinha marginalizada ganham força e reconhecimento, onde tem chão, base e lugar para se

> expressar. Acredito que festas como a BATEKOO interferem de uma maneira muito positiva no movimento jovem e podem ajudar, sim, no momento de descobertas e de afirmação de sua própria identidade.

Dessa forma, um dos objetivos específicos desta pesquisa foi alcançado, pois tanto Michael, Kiara e Marina sentiram que a festa possibilitou a eles uma nova forma de compreensão sobre suas racialidades e sexualidades dentro de um espaço de aqueerlombamento como a BATEKOO, pois a mesma cumpre um papel no campo representacional de uma parte da população brasileira que até recentemente não era visibilizada. As festas possuem, em si, capacidade de mobilizar as identidades, visto que seu significado, suas manifestações, seu desenvolvimento, discursos e os mitos mantêm relacionado de perto ou de longe a unidade e a identidade (BEZERRA, 2008). Além da sua importância como entretenimento, a festa também apresenta um espaço de convivência, acolhimento e afetividade interferindo no fortalecimento individual e na construção das identidades dos frequentadores e admiradores. Ela também possui um peso simbólico na formação da subjetividade dos jovens, ainda mais num país como o Brasil, no qual se foi feito um genocídio do negro brasileiro (NASCIMENTO, 2016) vivenciado pela população negra a partir de exclusão social e dominação cognitiva.

Além disso, nota-se a incidência de diversas questões internas que não tinham o racismo ou homofobia como mote principal. Dois entrevistados relataram que só se questionaram sobre suas racialidades na vida adulta, ou melhor, depois dos 20 anos de idade. Isso é algo bem comum numa sociedade na qual a mídia não reflete a população real do país, ou quando o faz, introjeta uma série de imagens de controle (COLLINS, 2019) que nada mais são que os elementos operacionais indispensáveis das matrizes de dominação e essenciais para o exercício da violência simbólica e cognitiva.

No entanto, ainda é perceptível que a motivação ou interesse pela festa tem se ampliado pelo alcance midiático alcançado, aumentando ainda mais o protagonismo dos participantes, antes focado em homossexuais negros, e agora também focado na exaltação de corpos diversos, independentemente da orientação sexual dos indivíduos. Partindo disso, entendo, também, a partir deste estudo, que somando estratégias adotadas pela organização da BATEKOO, encontram-se outras formas de influências, inclusive midiáticas; além de ter sido eleita, em 2018 e 2019, pelo Jornal Folha de São Paulo como a melhor festa da noite da cidade de São Paulo.

A BATEKOO, apesar do intervalo que a pandemia ocasionou, tem se tornado cada vez maior mercadologicamente. Nesse meio tempo, os integrantes da BATEKOO começaram a ser representados pelo mesmo grupo empresarial da cantora Anitta,

sendo os rostos de campanhas para marcas internacionais como a Adidas, Budweiser, Tommy Hilfiger, dentre outras.



Campanha internacional para Adidas Ivy Park (fevereiro de 2021). O coletivo da BATEKOO foi escolhido pessoalmente pela cantora americana Beyoncé Knowles por representar a pluralidade.
Fonte: Reprodução da internet. Disponível em: <https://www.instagram.com/BATEKOO/>

Por fim, o racismo também incide na construção de qualquer tipo de política, sendo a raça um dos principais conceitos que organiza grandes sistemas classificatórios da diferença que operam em sociedades humanas. A necropolítica (MBEMBE, 2018) está imperando no país, principalmente nas famílias negras vistas nas taxas de desemprego, insegurança alimentar, fome, fim de um dos principais programas de distribuição de renda, o Bolsa-Família, dentre outros. A BATEKOO ganha um papel não apenas de exaltação da ancestralidade e ampliação de saberes negros, cabe agora um papel de resistência e perseverança nesses tempos difíceis. Resistência é algo que a população negra é obrigada a ter desde a época do colonialismo até os dias de hoje, e a branquitude sempre apela em qualquer sinal de avanços dos grupos minorizados. Ainda assim, prefiro acreditar que depois da tempestade virá a bonança.

Precisamos pensar como as produções realizadas por pessoas pretas para pessoas pretas conseguirão acessar e alcançar o máximo de espaços possíveis,

incluindo políticas de Estado. E, digo mais, quem sabe um dos próximos presidentes do Brasil não está entre a juventude negra atual.

ANEXO

Guia de entrevista para jovens negros frequentadores da festa BATEKOO

1. Nome completo, idade, identidade de gênero, orientação sexual e um pouco da sua trajetória de vida.
2. O que é ser jovem para você?
3. E jovem negro?
4. Como você conheceu a festa BATEKOO?
5. Você acredita que a festa BATEKOO representa algum grupo especificamente? É representativo de qual especificamente? De alguma parte específica do Brasil? Algum segmento social específico?
6. Como eram as festas que você frequentava antes de conhecer a BATEKOO? O que mudou de lá para cá?
7. Qual é a sua opinião sobre como a festa interfere na vida e nas identidades dos jovens?
8. Você já foi em alguma festa LGTBQIA+? Se sim, qual? No que elas diferem da BATEKOO?
9. Você se sente mais conectado com as pautas raciais ou com as pautas sobre diversidade sexual? Por quê? Caso negativo, quais são as pautas que mais te mobilizam?

Referências

ABRAMO, H. W. (2005). O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: M. V. Freitas (Org.). *Juventude e adolescência no Brasil*: referências conceituais (pp. 19-35). São Paulo: Ação Educativa.

ALMEIDA, Armando. *A "reafricanização" recente da Bahia enquanto uma ação antirracista*. IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia, Brasil, 15 p. Disponível em: <www.cult.ufba.br/enecult2008/14421.pdf>.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BARNARD, I. *Queer race*: cultural interventions in the racial politics of queer theory. Nova York: Peter Lang, 2004.

BASTOS, L.C.; OLIVEIRA, M.C.L. 2006. Identity and personal/institutional relations: people and tragedy in a health insurance customer service. In: A. de FINA; D. SCHIFFRIN; M. BAMBERG (eds.). *Discourse and Identity*. Cambridge, Cambridge University Press, p. 188-212. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511584459.010>.

BATEKOO. Sobre. Salvador, [s.d]. Facebook: @BATEKOO. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/BATEKOO/about/>. Acesso em: 03 abr. 2020.

BIBIANO, Matheus Vieira Gomes. *''Já que é pra tombar, tombei''*. Reflexões sobre as dinâmicas apresentadas nos eventos do facebook da festa BATEKOO.

BOURDIEU, Pierre. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121. A "juventude' é apenas uma palavra", entrevista com Pierre Bourdieu.

BUENO, W. *A relevância de Patricia Hill Collins para o ativismo intelectual de mulheres negras*. 2018; Tema: Pensamento Feminista Negro. (Site).

BUSOLIN, Murilo. "BATEKOO' marca o fortalecimento do movimento negro no Brasil". In: *Estado de S. Paulo*. 24/06/2016. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,BATEKOO-marca-o-fortalecimento-do-movimento-negro-no-brasil,10000058909.> Acesso em: mai. 2018.

BUTLER, J.P. *Bodies that matter*: on the discursive limits of\sex. New York: London, Routledge, 1993.

BUTLER, J.P. *Problemas de gênero*: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J.P. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a negritude*. Carlos Moore (org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil*: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo. Fundação Perseu Abramo. 2001. p.89.

COLLINS, Patricia Hill. *Black Feminist Thought*. Knowledge, Consciousness, and Politics of Empowerment. New York: Routledge, 2000.

COSTA, Sérgio. *O Branco como meta*: apontamentos sobre a difusão do racismo científico no Brasil pós-escravocrata. Estudos Afro-Asiáticos, ano 28, n.1\2\3, jan-dez.2006, pp.47-68.

DAMATTA, Roberto. *Ensaios de antropologia estrutural*. Petrópolis: Vozes, 1973.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, Anped, n.24, p 40-52. set/out/nov/dez, 2003.

DOMINGOS, João Pedro; NOGUEIRA, Maria Alice de Faria. *Geração Tombamento e mercado*: a popularização do jovem negro na cultura do consumo. Artigo apresentado no Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda - RJ – 22 a 24/06/2017.

DOS ANJOS, Gabriele (2002). *Homossexualidade, direitos humanos e cidadania*. “Sociologias”, a. 4, N. 7, Jan.-Jun. 2002, 222-252.

DORES, Fabíola Gaspar das. A memória como método de pesquisa. *Cadernos de Campo*: Revista de Ciências Sociais, n. 4 – Artigos, 1999.

DURKHEIM, Émile. *Les Formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF,1968.

DUVIGNAUD, Jean. La fête: essai de sociologie. In: *Cultures*, v.3, n.1. Unesco, 1976.

DUVIGNAUD, Jean. *Le don du rien*: essai d'anthropologie de la fête. Paris: Stock, 1977.

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras*: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?:* movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Guaramond, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANTINEL, Caroline. A Lavage de la Madeleine pelas lentes de Duvignaud. In*: I Congresso Internacional América Latina e Interculturalidade,* 2013, Foz do Iguaçu.

América Latina e Caribe: cenários linguístico-culturais contemporâneos. Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), 2013. v. 1. p. 138-146.

FERREIRA, L. F. *O lugar festivo* – a festa como essência espaço-temporal do lugar. Espaço e cultura, UERJ, RJ, n. 15, p.7-21, jan./jun. 2003.

FIGUEIREDO, Ângela. Dialogando com os estudos de gênero e raça no Brasil. In: OSMUNDO, Pinho; SANSONE, Livio (Orgs.). *Raça*: novas perspectivas antropológicas. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008, p.237-255.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1*: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREITAS E SOUZA, Marina. O que é interseccionalidade? In: *Justificando*. 1 jul. 2019. Disponível em: <http://www.justificando.com/2019/07/01/o-que-e-interseccionalidade>. Acesso em: mar. 2021.

GOMES, Nilma L. *Juventude, práticas culturais e negritude*: o desafio de viver múltiplas identidades. Trabalho apresentado na 27ª reunião da ANPED. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt21/t218.pdf>.

GOMES, Nilma L. *O movimento negro educador*: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. *Acesso de negros as universidades públicas*. Cadernos de Pesquisa, n. 118, p. 247-268, mar. 2003.

GUIMARÃES, Thayse Figueira; LOPES, Luiz Paulo de Moita. *Entextualizações estratégicas*: performances sensualizadas em práticas discursivas na Web2.0. Linguagem em (Dis)curso.

HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, 1996.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: Silva, Tomaz Tadeu (org. e trad.) *Identidade e diferença*: a perspectiva de estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HOOKS, Bell. *Olhares Negros*: Raça e representação. Tradução de Sthefanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019b.

JACKSON, Stevi. The social complexity of heteronormativity: gender, sexuality and heterosexuality. In: *HETERONORMATIVITY* – A FRUITFUL CONCEPT?, Trondheim, 2005.

JAQUETTO PEREIRA, Bruna Cristina. *BATEKOO*: Território de Afetos. 2019.

LEITE, Nara de Cervino Teixeira; SOUZA, Josenilde Silva. Geração Afrotombamento Baiana: A estética negra como meio difusor de empoderamento. In: *13° COLÓQUIO DE MODA*, 2017, Bauru – SP, 2017. p. 1-15. Disponível em: <http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20%202017/COM_ORAL/co_3/co_3_Geracao_Afrotombameto_Baiana.pdf>. Acesso em: 18 set. 2018.

LIMA, Ari & CERQUEIRA, Filipe de Almeida. 2007. Identidade homossexual e negra em alagoinhas. *Bagoas estudos gays*: gêneros e sexualidades. Vol.1, n.1, p.269-286. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2262>. Acesso em: 05 jun. 2021.

MACHADO, Frederico Viana; RODRIGUES, Cristiano Santos. 2015. Movimentos Negro e LGBT no Governo Lula: desafios da institucionalização segmentada. In: MACHADO, Frederico Viana; MASSOLA, Gustavo Martineli; RIBEIRO, Maria Auxiliadora Teixeira (Orgs.). *Estado, Ambiente e Movimentos Sociais*. Florianópolis: Edições do Bosque, p.22–45.

MACHADO, Leandro. Frente Negra: a história do movimento que apoiava o integralismo e foi pioneiro do ativismo negro no país. In: BBC News Brasil em São Paulo. 13 jun. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53000662>. Acesso em: ago. 2020.

MACHADO, Taísa. *O Afrofunk e a Ciência do Rebolado.* Marcus Faustini (Org.); Emílio Domingos, Sinara Rúbia, Isabel Diegues (Comentadores). 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MALINOWSKI, B. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARIUSSO, Victor Hugo S.G. *Movimento LGBT e mídia no brasil contemporâneo*: o Lampião da Esquina (1978-1981). UFMS.

MARGULLIS, Mario y URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: ARIOVICH, Laura [at al.]. *La juventud es más que una palabra*. Buenos Aires: Biblos, 1996. Disponível em: <https://perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/mario_margulis-la-juventud-es-mas-que-una-palabra.pdf>.

MARQUES, Danilo Luiz. *Quilombismo e quilombolas*: experiências históricas e culturais negras. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/abdias-nascimento/ ativista-e-artista/?content_link= 15>. Acesso em: 10 dez. 2019.

MBEMBE, A. *A critíca da razão negra*. Lisboa: Ed. Antígona, 2017.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MOREIRA, Camila. *Branquitude x branquidade*: uma análise conceitual do ser branco. 2012. Disponível em: <http://www.ufrb.edu.br/ebecult/wpcontent/ uploads/2012/05/ Branquitude-x-branquidade-uma-ana-%C3%83%C3%85liseconceitual-do-ser-branco- .pdf>. Acesso em: 16 fev. 2020.

MULLER, Ricardo G. Teatro, política e educação: a experiência histórica do Teatro Experimental do Negro (TEN) - 1945-1968. In: *Congresso Luso-Brasileiro Portugal-Brasil:* Memórias e Imaginário. Lisboa, 1999.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*: Identidade Negra versus Identidade Nacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude* – Usos e Sentidos. Autêntica, MG, 2009. (1988 – Ed. Ática).

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro*: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo*: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Brasília. Rio de Janeiro: Fundação Palmares / OR Editor Produtor, 2002.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: *Afrodiáspora*: Revista do mundo negro. N.6-7. Ipeafro, 1985.

NASCIMENTO, Caio. BATEKOO lança selo musical para dar voz a artistas negros e LGBT's. In: *Estado de S. Paulo*. 06 jun. 2019. Disponível em: <https://emais.estadao.com.br/noticias/comportamento,BATEKOO-lanca-selo-musical-para-dar-voz-a-artistasneg ros-e-lgbts,70002858997>. Acesso em: mar. 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. Da palavra queerlombo ao cuirlombo da palavra. In: *Palavra preta*. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/> Acesso em: abr. 2021.

NDASHE, Sibongile. A história única a homofobia africana é perigosa para ativismo LGBTI. In: REA, Caterina; PARADIS, Clarisse Goulart. *Traduzindo a África Queer*. Editora Devires, 2018.

PAIS, José Machado. XinXii, 2016. 921, 2016. *A construção sociológica da juventude* —alguns contributos. JM Pais. Análise social, 139-165, 1990.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1992.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, B.S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B.S.; MENESES, M.P. (Org). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina; CES, 2009. p. 23-71.

SANTOS, J.R. Movimento negro e crise brasileira. In: SANTOS, J.R.; BARBOSA, W.N. *Atrás do muro da noite*: dinâmica das culturas afro-brasileiras. Brasília, DF: Ministério da Cultura; Fundação Cultural Palmares, 1994. p.157.

SARDENBERG, C.M.B. *Conceituando "empoderamento" na perspectiva feminista*. Disponível em: <https://repositorioufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 05 nov. 2019.

SARTRE, Jean-Paul (1946). *O Existencialismo é um Humanismo*. Traduzido de Vergílio Ferreira. Quetzal Editores, 2012, (adaptada).

SCHWARCZ, Lilia Moritz, 1957. *O espetáculo das raças*: cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. *"Escrevivências" como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social*. Rev. psicol. polít. [online]. 2017, vol.17, n.39, pp. 203-219. ISSN 1519-549X.

SOMÉ, Sobonfu. *O Espírito da Intimidade*: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar. Tradução. São Paulo: Odysseus, 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG,

2010.

TEATRO Experimental do Negro (TEN). In: *Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira*. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/grupo399330/teatro-experimental-do-negro-te>. Acesso em: 22 set. 2021. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. A homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade. 6ed. São Paulo: Record, 2004.

VEIGA, L. (2019). Além de preto é gay: as diásporas da bixa preta. In: Restirer, H. e Souza, R. M. (Org.), *Diálogos Contemporâneos sobre homens negros e masculinidades*. (p. 77-93). São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial.